



**CENTRO UNIVERSITÁRIO 7 DE SETEMBRO – UNI7  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICODRAMA – FOCO  
PSICOTERÁPICO**

**RAQUEL TRINCHÃO DE JESUS BAROUH TORRES**

**TECER O AMOR NO PSICODRAMA A DOIS: O  
DESENVOLVIMENTO DO PAPEL DE PSICOTERAPEUTA.**

**BRASÍLIA - DF**

**2018**

**RAQUEL TRINCHÃO DE JESUS BAROUH TORRES**

**TECER O AMOR NO PSICODRAMA A DOIS: O  
DESENVOLVIMENTO DO PAPEL DE PSICOTERAPEUTA.**

Monografia apresentada ao Centro Universitário 7 de  
Setembro como requisito parcial para obtenção do  
título de especialista em Psicodrama.

Orientadora: Profª Dra. Valéria Cristina de Albuquerque  
Brito

**BRASÍLIA - DF**

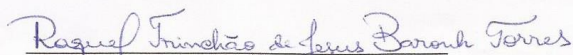
**2018**



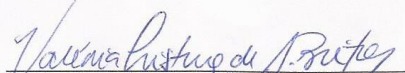
Centro Universitário 7 de Setembro  
Coordenação de Pós-Graduação

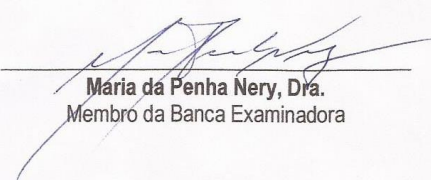
**“TECER O AMOR NO PSICODRAMA A DOIS: O DESENVOLVIMENTO  
DO PAPEL DE PSICOTERAPEUTA”.**

Monografia Apresentada no Centro Universitário 7 De Setembro Como Requisito Parcial Para  
Obtenção Do Título de Especialista em Psicodrama Sócio - Educacional e Terapêutico.

  
**Raquel Trinchão de Jesus Barrouh Torres**

Monografia aprovada em 23 de junho de 2018.

  
**Valéria Cristina de Albuquerque Brito, Dra.**  
Presidente/Orientadora

  
**Maria da Penha Nery, Dra.**  
Membro da Banca Examinadora

  
**Maria Inês Gandolfo Conceição, Dra.**  
Membro da Banca Examinadora

**Marco Antônio Pulice Amato**  
Coordenador do Curso

**Marco Aurélio de Patrício Ribeiro**  
Coordenador Geral de Pós-Graduação

*Aos pacientes que compartilham comigo essa jornada de  
co-criação.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, a minha profunda gratidão pela vida e por plantar em mim o amor.

Aos meus pais, David e Edilene, que representam as primeiras referências de amor, agradeço pelo cuidado constante com a minha vida. A minha irmã Sarah e meu cunhado Marcos por serem tão queridos e terem me dado o meu maior presente, o meu sobrinho Ian, que desperta em mim o amor mais puro.

Ao meu marido, Carlos Marcos, meu amado e parceiro, que sempre está ao meu lado em todos os meus projetos e escolhas. Agradeço pelo amor que recebo de você todos os dias.

À minha orientadora, professora Valéria Brito, por ter aceitado o meu convite e ter me conduzido neste trabalho. Sou grata por suas valiosas considerações que me despertaram para o amor terapêutico.

À Associação Brasileira de Psicodrama – ABP e seus professores, colaboradores e colegas. Sou grata por essa caminhada coletiva que fizemos. Destaco a minha gratidão à funcionária Mara, que providenciou tudo o que precisei para solucionar os obstáculos cotidianos dessa empreitada. Ainda, sou muito grata às queridas amigas da turma quarenta e três, por nossas trocas e apoio mútuo. Em particular, à Rebeca Torquato por nossas tentativas de viabilizar trabalhos com grupos.

Um agradecimento especial a Júlia Gisler, minha colega e amiga, a quem sou grata pelas discussões, pelo nosso grupo que não saiu do papel, pelas dicas de leituras, filmes, seriados, e pelos livros que me emprestou. Mais ainda, por me trazer o universo mágico dos mitos, símbolos, sonhos e da Psicologia Analítica, sendo minha guia nas referências míticas que trouxe a este trabalho.

À psicóloga e psicodramatista Ana Maria Pereira e todo o nosso grupo de psicoterapia, vocês têm sido uma grande fonte de apoio nessa caminhada de autoconhecimento e amor recíproco.

Ao Superior Tribunal de Justiça - STJ, onde tenho trilhado meu caminho com a psicologia clínica e pela bolsa de estudos que recebi para financiar esse processo de aprendizado. Especialmente, agradeço aos meus queridos amigos da Seção de Assistência Psicossocial, SEAPS, com os quais tenho aprendido muito. Em destaque, sou grata a Fábio Angelim, meu chefe, tutor

e amigo que me trouxe para o Psicodrama e sempre apoiou com supervisões, discussões, leituras e incentivo.

A todos os amigos que me ajudaram de alguma forma: conversas, trocas, carinho e paciência. Entre eles, destaco os queridos da Igreja Cristã de Brasília que sempre foram muito amorosos comigo, especialmente a Gislene, com os seus florais preciosos.

Agradeço também às professoras Maria da Penha Nery e Maria Inês Gandolfo, por gentilmente aceitarem fazer parte da banca avaliadora.

Por fim, sou grata a todos os pacientes, com os quais tenho percorrido esse caminho da psicologia clínica e do psicodrama a dois. Em especial, a Perséfone, com quem muito aprendi e por ter consentido que eu relatasse os nossos atendimentos neste trabalho.

A todos vocês, o meu sincero agradecimento!

*“Tem todo o tempo Ítaca na mente.  
Estás predestinado a ali chegar  
Mas não apresses a viagem nunca.  
Melhor muitos anos levars de jornada  
e fundares na ilha velho enfim,  
rico de quanto ganhaste no caminho,  
sem esperar riquezas que Ítaca te desse.  
Uma bela viagem deu-te Ítaca.  
Sem ela não te ponhas a caminho.  
Mais do que isso não lhe cumpre dar-te”.*  
(Konstantínos Kaváfis)

## RESUMO

O presente trabalho é um estudo de caso que tem como objetivo principal compreender o desenvolvimento do papel de psicoterapeuta psicodramatista, considerando o contexto em que esse papel se desenvolve e as possibilidades de criação que enseja. A partir da descrição dos atendimentos de uma jovem com queixas de dificuldades relacionais, discute-se a constituição da relação terapêutica, analisando as especificidades do psicodrama a dois. Considerando que o exercício profissional em psicoterapia implica no desenvolvimento do amor terapêutico, pautado em aceitação e reciprocidade, emprego a teoria de papéis para compreender como a espontaneidade e as conservas culturais surgiram na interação entre paciente e psicoterapeuta. Exponho como os contextos favoreceram o desenvolvimento do papel de psicoterapeuta psicodramatista, os entraves que se interpõem às relações terapêuticas e como eu e a paciente nos lançamos à co-criação. Concluo que a realização deste estudo influenciou na transformação de meus papéis sociais, grupais e psicodramáticos e, também, para as pessoas que estiveram comigo no exercício da co-criação. Proponho a realização de novas investigações no intuito de ampliar a compreensão sobre a relação terapêutica, mais especificamente, no contexto do psicodrama a dois.

Palavras-chave: Papel. Psicoterapeuta. Psicodramatista. Psicodrama a dois. Amor terapêutico. Relação terapêutica.



## **ABSTRACT**

The present work is a case study with main objective is to understand the development of the role of psychodramatist psychotherapist, considering the context in which this role develops and the possibilities of creation that it generates. Based on the description of the psychotherapy sessions to a young woman with complaints of relational difficulties, the constitution of the therapeutic relationship is discussed, analyzing the specificities of one-to-one psychodrama. Considering that professional practice in psychotherapy implies the development of therapeutic love, based on acceptance and reciprocity, I use role theory to understand how spontaneity and cultural conserve arose in the interaction between patient and psychotherapist. I expose how the contexts favored the development of the role of psychodramatist psychotherapist, the obstacles that interfere with therapeutic relationships and how I and the patient launched into co-creation. I conclude that the realization of this study influenced the transformation of my social, group and psychodramatic roles and also for the people who were with me in the exercise of co-creation. I propose the realization of new investigations in order to broaden the understanding about the therapeutic relationship, more specifically, in the context of one-to-one psychodrama.

Keywords: Role. Psychotherapist. Psychodramatist. Psychodrama one-to-one. Therapeutic love. Therapeutic relationship.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>APRESENTAÇÃO .....</b>   | <b>11</b> |
| <b>1 GAIA – O INÍCIO DA JORNADA.....</b>                                    | <b>14</b> |
| <b>2 AFRODITE E HEFESTO – AMOR E CRIATIVIDADE NA SOCIONOMIA .....</b>       | <b>17</b> |
| 2.1 Encontro e relação terapêutica.....                                     | 17        |
| 2.2 Espontaneidade e conserva cultural .....                                | 18        |
| 2.3 Tele x Transferên cia .....   | 19        |
| 2.4 Critério e escolha sociométrica .....                                   | 20        |
| 2.5 <i>Role taking</i> – papel e contrapel na clínica psicodramática .....  | 20        |
| 2.6 <i>Role playing</i> – diretor e ego auxiliar no psicodrama a dois ..... | 21        |
| 2.7 <i>Role creating</i> – possibilidades de criação do papel .....         | 22        |
| <b>3 O OFÍCIO DO AMOR EM PESQUISA .....</b>                                 | <b>24</b> |
| <b>4 A TELA DE PENÉLOPE – TECENDO O AMOR NO PSICODRAMA A DOIS .....</b>     | <b>25</b> |
| 4.1 O caso Perséfone: dizer sim a si mesma .....                            | 26        |
| 4.2 Encontros e desencontros - registros de algumas sessões .....           | 27        |
| 4.2.1 Desencontros.....   | 28        |
| 4.2.2 Busca do encontro .....   | 35        |
| <b>5 O VALOR E O CUSTO DO “AMOR VERDADEIRO” .....</b>                       | <b>41</b> |
| 5.1 Relação institucional – quem me paga? .....                             | 42        |
| 5.2 Escolhas sociométricas – o que eu cobro? .....                          | 43        |
| 5.3 Tele e encontro – paga-se o que se recebe? .....                        | 45        |
| <b>6 O OFÍCIO DO AMOR – CONTEXTOS E CO-CRIAÇÃO .....</b>                    | <b>49</b> |
| 6.1 Quando Psiquê e Eros se encontram – meu compartilhar .....              | 53        |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>56</b> |

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho consistiu num estudo de caso clínico, sobre o qual refleti acerca da relação terapêutica, utilizando a perspectiva Moreniana da Socionomia. Com isso, debruçei-me sobre a criação de novos papéis: o de psicóloga clínica e o de pesquisadora numa abordagem qualitativa. Ambos me desafiaram como universos desconhecidos e me impulsionaram a um novo posicionamento diante da minha atuação profissional e nas diversas relações que estabeleço. O mais difícil e principal aprendizado foi o de ser eu mesma e, desta forma, poder ser criativa e espontânea. Seguindo este princípio, passei a compreender o meu trabalho como psicoterapeuta de modo mais significativo. Passei a considerar o papel de psicoterapeuta-psicodramatista não apenas como mais uma atividade a ser desenvolvida, mas como algo que tem um lugar central na minha vida e, com isso, não pode ser entendido apenas racionalmente, mas de um modo afetivo. E mais, descobri que é possível falar de amor e psicoterapia, já que ele está em toda parte como algo fundante da vida humana e pode ser terapêutico.

A partir disso, resolvi contar a história do desenvolvimento do meu papel de psicoterapeuta psicodramatista, que surge na relação com outros, que desenvolvem os seus contra-papéis como pacientes e protagonistas das suas próprias vidas. Como recurso simbólico, empreguei como síntese de algumas seções desse estudo de caso, mitos gregos que, com sua longa tradição no campo da Psicologia Clínica, me auxiliaram a contar a minha história de desenvolvimento do papel de psicoterapeuta-psicodramatista.

O primeiro mito que me ocorreu foi o de Perséfone, pois era como via a paciente que divide o protagonismo comigo neste trabalho. Esse mito é sobre uma jovem passiva e dependente, mas que se desenvolve e torna-se mulher depois de se separar da sua mãe e ser raptada por aquele que viria a ser o seu marido (BOLEN, 2015). Algumas características míticas dessa personagem são observadas no caso que irei relatar mais adiante.

Já que optei por falar de amor terapêutico e usei um mito como metáfora do caso clínico, fui em busca de outras referências míticas que abordassem a temática das relações amorosas e pudessem compor este trabalho. Deste modo, alguns capítulos receberam títulos inspirados na mitologia grega. O primeiro deles é “Gaia - o início da jornada”, utilizando a referência à Grande Deusa (BOLEN, 2015) para aludir ao começo de algo. Nesse capítulo, eu explico como se deu a minha inserção no universo da psicologia clínica e a escolha pela abordagem socionômica como base para desenvolver o papel de psicoterapeuta.

Em seguida, apresento no capítulo dois os principais conceitos socionômicos que respaldam este estudo, a exemplo de papel, tele, espontaneidade, criação e encontro, bem como, justifico de que modo a Sociatria associa-se ao amor em sua manifestação terapêutica. Utilizei como referência o “ofício do amor” apresentado por Penha Nery (2011), relacionando-o aos outros conceitos a partir das definições de Moreno (1974, 1983, 1994, 2014). Nomeei o capítulo de “Afrodite e Hefesto – amor e criatividade na Socionomia”, como referência ao casamento entre o deus artesão e a deusa do amor, simbolizando a criação amorosa de coisas belas (BOLEN, 2015). Já o terceiro capítulo, “O ofício do amor em pesquisa”, situa o trabalho epistemologicamente, trazendo à tona as questões metodológicas que norteiam a Socionomia e a investigação ora realizada.

Discuto no quarto capítulo, chamado de “A tela de Penélope – tecendo o amor no psicodrama a dois”, o papel de psicoterapeuta e como concebo o seu desenvolvimento por meio da relação terapêutica e da intersubjetividade. Esclareço que optei pelo uso do termo “psicodrama a dois”, conforme utiliza Moreno (1983) para definir o tipo de psicodrama que é exercido entre duas pessoas, um paciente e um terapeuta, considerando ainda, a defesa de Brito (1999) acerca do uso da expressão. Adotei o mito de Penélope (BULFINCH, 2002) e a sua tela para ilustrar como o papel é “tecido” num tempo indefinido, marcado por paciência, construção e reconstrução, à espera do encontro, como objetivo a ser alcançado na proposta socionômica. Também apresento Perséfone e descrevo o caso clínico, com o registro de algumas sessões, o relato de uma supervisão e o de uma sessão da minha psicoterapia, na qual o caso foi trabalhado.

Analiso a minha prática profissional de forma mais ampla no capítulo cinco, que chamei de “O valor do amor verdadeiro”. Reflito nesse segmento que o amor verdadeiro é o proporcionado pelo encontro, apresentando um valor próprio subjacente. Então, examino as suas implicações concretas e simbólicas dessa valoração para a espontaneidade-criatividade na minha atuação clínica.

O capítulo seis, “Ofício do Amor – contextos e co-criação” destina-se à discussão sobre os contextos nos quais se estabelecem a minha prática e ao exame das possibilidades de ação criadora. Finalizo com o mito de Eros e Psiquê (LÓPEZ-PEDRAZA, 2010, BOLEN, 2015), uma alusão ao encontro apregoado na Socionomia. Trata-se do meu compartilhar sobre a construção do papel até o momento em que esta pesquisa foi realizada e, em paralelo, como foi a experiência de conduzir o estudo e a escrita correspondente.

Em vista disso, apresento neste estudo uma história que segue de Gaia, a Grande Deusa, passando por Afrodite como uma deusa mãe, por Perséfone como uma deusa filha, Penélope uma heroína, até chegar a Psiquê, uma mortal que, movida por curiosidade e amor, alcançou a imortalidade. De forma semelhante, vou do início de uma atuação profissional em que se começa do nada, mas com uma superioridade de especialista, para descer ao submundo do autoconhecimento, do despir-se das máscaras e reconhecer-me na humanidade do outro e, só aí, chegar à beleza sublime do encontro. Apoiada no que defende Naffah Neto (1997) sobre os papéis imaginários e os psicodramáticos, as referências míticas apresentadas vão da fantasia de como me via no exercício da clínica à ação efetiva do ofício em co-criação, ajudando-me a desenvolver os papéis sociais de psicoterapeuta e pesquisadora.

## 1 GAIA – O INÍCIO DA JORNADA

Gaia, Geia ou, simplesmente Terra, é a Grande Deusa na mitologia grega. Surgida do Caos, ela dá início a tudo, é a criadora primordial da vida, que fertiliza a natureza e lhe sustenta (BOLEN, 2015). Esse mito inspira o texto a seguir, pois introduzo o trabalho, contando como foi o começo da minha jornada profissional na psicologia clínica e como cheguei ao psicodrama.

Tornar-me psicoterapeuta tem sido a minha realização e o meu desafio quase que diário. Um projeto que começou e foi interrompido, depois reiniciado sob circunstâncias diversas que me levaram a uma experiência surpreendente de encontro com o psicodrama. Este trabalho, que tem o propósito de me inserir oficialmente na prática psicodramática, também tem me levado a rever os meus passos rumo a esse desenvolvimento profissional, ou ainda, ao desenrolar do papel na teia das relações.

A Socionomia e o seu estudo de uma microsociologia revela o que não é visível para os sujeitos em interação, possibilitando transformações e criação coletiva, ao compreender os nós das relações (MERENGUÉ, 2006) O aspecto relacional é entendido como fundante do sucesso psicoterápico em diversas abordagens (CARVALHO e MATOS, 2011). Entretanto, com a Socionomia, a intersubjetividade adquire um outro status, passando a ocupar o lugar central na teoria, servindo de base para explicar diversos fenômenos, a exemplo dos papéis. O papel de psicoterapeuta psicodramatista ou psicodramatista psicoterapeuta tem me exigido como estudante, profissional, pesquisadora e sujeito em diversas relações. Isto posto, passei a me questionar: como é que desenvolvo o meu papel na clínica psicodramática? Qual ou quais papéis, em contrapartida, eu ajudo os pacientes a construírem? E, ainda, como eu, terapeuta, e pacientes caminhamos juntos numa relação que é pautada pelo cuidado?

O contexto da psicoterapia pode ser diverso, ainda que utilize um mesmo arcabouço teórico, a exemplo da Socionomia. Neste caso, a interação entre os sujeitos pode se estabelecer de formas diferentes se o tratamento: ocorre num grupo ou a dois, se há presença ou não de ego auxiliar treinado, se é uma atividade pontual, se é seriado ou com número de encontros previamente estabelecido, se ocorre dentro de uma instituição, na rua ou num consultório privado. As escolhas sociométricas de pacientes e terapeutas, os critérios de escolha, as conservas culturais e o grau de espontaneidade permeiam a relação terapeuta - paciente, interferindo no desenvolvimento do papel do psicodramatista e pautando o contexto e a criação espontânea de sua atuação.

Estudar as relações humanas e as subjetividades nelas implicadas requer a incorporação do investigador como variável da pesquisa, de modo que as inquietações mais íntimas do pesquisador, quando transpostas para o estudo e para a escrita científica, conferem a essa produção um caráter mais genuíno (MERENGUÉ, 2006). A compreensão do desenvolvimento do papel de psicoterapeuta, por sua vez, implica considerar as dimensões da sua história pessoal e profissional (CARVALHO; MATOS, 2011).

O meu início na atuação clínica começou num estágio na graduação, na clínica-escola da universidade onde estudava. Os pacientes pagavam um valor social que era destinado à manutenção da clínica. À época, eu atendi três pacientes mulheres com idades e questões diversas. Contudo, uma delas me exigiu bastante quanto à disponibilidade e à necessidade de estabelecer limites claros na relação. Essa experiência me fez reavaliar o meu interesse em continuar numa jornada profissional na área clínica. Eu já era servidora pública, ocupava um cargo administrativo e via meus colegas de graduação que escolheram a clínica “pagando para trabalhar”. Com isso, optei pela segurança da função pública, ainda que me deixasse fora da área profissional que me interessava. Conclui que seria mais vantajoso trilhar um caminho na área da psicologia organizacional e do trabalho, a fim de galgar um cargo de psicóloga em alguma instituição pública, prevendo que essa seria a especialização requerida.

A minha primeira atuação como psicóloga foi justamente por meio de uma convocação em concurso público. Ao ocupar o cargo, fui direcionada para uma seção na qual exerceria uma função clínica, o que foi uma surpresa e um desafio para mim. Até então só tinha como experiência o estágio da graduação e, no momento, eu cursava um mestrado na área de psicologia organizacional e do trabalho. Portanto, me considerava despreparada para o novo trabalho.

Ainda que tivesse deixado a clínica de lado durante um tempo, voltar a ela numa situação de estabilidade profissional foi bastante estimulante. Diante disto, mudei novamente os planos sobre o meu caminho profissional. Logo após concluir o mestrado, iniciei uma especialização em psicodrama com foco psicoterápico a fim de me instrumentalizar para a atividade.

Ao final do curso de especialização em psicodrama, atendia uma paciente na Associação Brasileira de Psicodrama – ABP e cerca de vinte e cinco pacientes na instituição pública federal, onde também dirigia, anualmente, um grupo tematizado. Os atendimentos realizados na ABP são exigência da formação e cumprem uma carga horária pré-estabelecida, funcionando como clínica escola. Já os que ocorrem na instituição pública fazem parte das atividades realizadas como

servidora federal, no cargo de psicóloga. A oferta de psicoterapia dentro da instituição destina-se aos seus servidores, priorizando os casos com maior comprometimento em saúde mental.

A princípio, o meu interesse de escrita e pesquisa voltava-se para os fenômenos no nível grupal, mesmo caminho que adotei no mestrado, mas numa perspectiva da psicologia social e do trabalho. Para tanto, tentei viabilizar três grupos temáticos, sendo dois na ABP e outro em uma associação que realiza trabalhos voluntários. Infelizmente, não consegui concretizar nenhum deles.

Restava-me escrever sobre algum caso clínico dos que acompanhava no enquadre do psicodrama a dois. Optei por não utilizar nenhum caso que acompanhava na instituição pública onde trabalho, a fim de redobrar os cuidados com o sigilo profissional. Deste modo, preferi escrever sobre o caso clínico em curso na ABP. Ainda assim, essa escolha parecia incerta. A dramatização dessa incerteza, numa supervisão em sala de aula, foi determinante para optar pela investigação de como se dá a relação terapêutica e os seus fatores de sucesso.

Adotei neste trabalho a concepção de que a atuação clínica no psicodrama é a busca do encontro, nos moldes que Penha Nery (2011) conceituou de Ofício do Amor, considerando que psicodrama e amor se interligam na proposta de psicologia do encontro. Esta, por sua vez, objetiva alcançar e tratar a humanidade.



## **2 AFRODITE E HEFESTO – AMORE E CRIATIVIDADE NA SOCIONOMIA**

Afrodite era a deusa do amor e a mais bela de todas do panteão grego. Conforme explica Bolen (2015), era a única que pôde escolher com quem se casar optou por Hefesto. Este era o deus da forja, um artesão que usava o fogo para criar. O casamento entre os dois simboliza a união do amor e da beleza com a criatividade, originando a produção artística (BOLEN, 2015). Este mito é uma metáfora para o recorte teórico que apresento adiante que parte da proposta sacionômica para compreender o papel de psicoterapeuta, a relação terapêutica e a co-criação, no intuito de promover o ofício do amor que levará ao encontro, como definiu Penha Nery (2011).

O aporte teórico utilizado neste estudo é a Socionomia que se ramifica em Sociodinâmica, Sociometria e Sociatria. Cada um deles contribuiu de uma forma para compreender o objeto de estudo desta pesquisa que é o papel de psicoterapeuta psicodramatista, a partir da relação terapêutica, considerando o contexto em que se desenvolve e as possibilidades de criação. A teoria de papéis é o principal fundamento desta investigação e ela está ancorada no estudo da estrutura dos grupos, que é realizado pela Sociodinâmica. O entendimento da Sociometria se dará a partir da leitura dos conceitos de escolha e critério sociométricos e como eles ajudam a entender a relação paciente-terapeuta. A Sociatria, por sua vez, encarrega-se de explicar como ocorre o tratamento, as possibilidades terapêuticas, que neste estudo se deu por meio do psicodrama.

Os principais conceitos que ajudam a entender como se desenvolve uma relação terapêutica, os fatores que contribuem para o seu sucesso ou insucesso serão discorridos mais adiante, como: encontro, espontaneidade e tele. Além disso, apresentarei o conceito de papel, a fim de fundamentar a principal questão desta pesquisa que é compreender como desenvolvo o meu papel de psicoterapeuta psicodramatista.

### **2.1 Encontro e relação terapêutica**

O encontro é um dos objetos de estudo mais relevantes da Socionomia, recebendo de Moreno, além de conceituação e investigação, um poema em sua homenagem. O autor explicou que o fenômeno ocorre quando:

[...] duas ou mais pessoas se encontram não só para se defrontarem entre si, mas também para viver e experimentar-se mutuamente [...]. Num encontro, duas pessoas aí estão com todas as suas forças e fraquezas, dois atores humanos fervilhando espontaneidade, só parcialmente côncias de seus propósitos mútuos (MORENO, 2014, pp. 307-308).

A experiência almejada na interação entre paciente e terapeuta é o encontro. É a partir da espontaneidade dos sujeitos que se estabelecem relações mais saudáveis, constituindo o fator de sucesso da psicoterapia. Moreno (1974, p. 72): explica a seguir como ocorre esse reconhecimento das partes que dá início ao processo relacional:

[...] Avalia intuitivamente sua personalidade, observa seu comportamento corporal e mental. Valoriza seu caráter real, independentemente da falsa imagem que ele (paciente) tinha do médico. Da mesma forma, o terapeuta avalia seu paciente. É uma função bilateral que põe em relação dois ou mais indivíduos.

Diante disto, a Sociatria aponta que uma relação será terapêutica se estiver pautada em mutualidade, reciprocidade e que seus agentes sejam atuantes e criadores.

## 2.2 Espontaneidade e conserva cultural

A espontaneidade adquire uma relevância crucial no estudo da Sociatria, pois aponta para uma atuação saudável do sujeito. Ela é indicada por Moreno (2014, p.279) como o “ponto arquimédico” do tratamento.

A definição de Moreno (1974, p.58) para espontaneidade inclui a ideia de originalidade e de adequação, além de considerar a atuação no momento presente. O autor explica como a espontaneidade se manifesta na atuação do sujeito:

Escolha, percepção e papel devem estar “espontaneamente” prontos para responder às exigências da presente situação, sempre em constante evolução [...] Espontaneidade (latim *sua sponte* = do interior para o exterior) é a resposta adequada a uma nova situação ou a nova resposta a uma situação antiga).

A teoria da espontaneidade aborda um outro polo do fenômeno que é a conserva cultural, definida como “[...] uma ‘conserva cultural’ é a matriz, tecnológica ou não, em que uma ideia criadora é guardada para sua preservação e repetição” (MORENO, 2014, p.175).

Deste modo, os sujeitos podem atuar espontaneamente em uma situação ou de maneira conservada em outra. Considerando a espontaneidade como algo a ser alcançado e que pode ser desenvolvida, torna-se essencial entender como ela funciona para refletir sobre as relações

terapêuticas. De modo que a psicoterapia psicodramática pode ser comparada a um aquecimento para a espontaneidade na vida do sujeito e nas relações que extrapolam o setting terapêutico.

### 2.3 Tele x Transferência

A “cura” ou o desenvolvimento do sujeito por meio da terapia, rumo a um modo de existir no mundo mais saudável, depende não apenas da espontaneidade, mas recebe influência do fator tele, (MORENO, 2014). Mais ainda, esse fenômeno atua também nas relações cotidianas, favorecendo a reciprocidade das escolhas (MORENO, 1974).

O fator tele emerge na Socionomia em suas várias ramificações, pois se trata de fenômeno psíquico presente nas mais diversas interações humanas, mas que na relação terapêutica assume um valor de destaque, tendo em vista a sua importância para o tratamento. Moreno (1974, p.52) explica o conceito e estabelece a sua aplicação na Sociatria, da seguinte forma:

[...] fundamento de todas as relações interpessoais sadias e elemento essencial de todo método eficaz de psicoterapia. Repousa no sentimento e conhecimento real das outras pessoas [...] existe sempre e normalmente, desde o primeiro encontro, e que cresce de um encontro para outro. Pode, por vezes, ser deformado pela influência de fantasias transferenciais. Mas, habitualmente, cada relação humana sadia depende da presença e da eficácia do Tele.

.....  
[...] Podemos observar fases no relacionamento entre terapeutas e pacientes. A primeira é a conhecida transferência dos psicanalistas, das fantasias inconscientes do passado que o paciente projeta sobre o terapeuta, envolvendo-o em um certo brilho místico. A outra fase é a vivência original do ‘encontro imediato’ (*hic et nunc*) do ‘princípio do tele’, do qual nascem as projeções patológicas transferenciais.

Percebe-se que a utilização do conceito psicanalítico de transferência é utilizado na explanação de como o tele atua na relação entre paciente e terapeuta. Entretanto, para Moreno (1974), essa projeção unilateral que aparece na definição do conceito de transferência é entendida como uma patologização do tele. Como elucida Naffah Neto (1997, p.103), “[...] a transferência é uma relação em um só sentido, ou melhor, a ausência de relação [...]”.

O encontro é buscado na interação entre paciente e terapeuta e, para que isso aconteça, é necessário que haja espontaneidade entre os sujeitos e que as relações sejam télicas. Ainda assim, a relação terapêutica não está isenta de ser permeada por transferências, que não constituem uma qualidade permanente, mas podem emergir ou desaparecer mediante a atuação daqueles que se relacionam.

Diante do exposto, torna-se fundamental a reflexão sobre o desenvolvimento de relações télicas, considerando o desenvolvimento de papéis e contrapapéis na clínica psicodramática e, ainda, os fatores que contribuem ou impedem a sua formação.

#### **2.4 Critério e escolha sociométrica**

A Sociometria destina-se a medir as relações humanas cientificamente, investigando, por exemplo, como os indivíduos escolhem uns aos outros ou se repelem dentro de um grupo social (MORENO, 1974). A ideia de fazer escolhas tem raiz na corrente filosófica existencialista e torna-se algo fundante da experiência humana, podendo ser estudada pela Sociometria ao pesquisar as aproximações e rejeições dos sujeitos nas inter-relações sociais (MORENO, 1994, v.3).

Os critérios sociométricos, por sua vez, são padrões que guiam as condutas e escolhas nos pequenos grupos, equivalendo a normas e valores em nível macrossocial (MORENO, 1994, v.1). Deste modo, eles também estão na base das escolhas feitas pelos partícipes da relação terapêutica e exercem influência sobre esta, inclusive no desenvolvimento do tele.

O fenômeno dos critérios e das escolhas sociométricas pode ser aplicado às relações terapêuticas, se consideramos as decisões dos sujeitos ao buscar a psicoterapia, a opção por um determinado terapeuta e, ainda, como os profissionais os recebem e como se dá a decisão por iniciarem uma relação terapêutica. A partir disto, reflito mais adiante sobre como os pacientes chegam até a mim como psicoterapeuta, como eu os recebo e, por conseguinte, como essas escolhas mútuas vão interferir na relação terapêutica, estabelecendo limites ou ampliando as possibilidades de interação.

#### **2.5 *Role taking* – papel e contrapapel na clínica psicodramática**

Antes de discutir como eu me aproprio do meu papel de psicodramatista e como ele se desenvolve, é necessário situar o que entendo por papel e como ele aparece na teoria Socionômica, que foi a adotada para fundamentar este trabalho. Desta forma, aproprio-me também do papel de pesquisadora, apontando os rumos que escolhi para esta pesquisa.

A teoria de papéis assume um lugar de destaque na Socionomia, tendo origem no teatro terapêutico, fundado por Moreno, que define papel como a forma que o eu utiliza para se expressar de modo real e tangível (MORENO, 2014). A relação do sujeito com os diversos

papéis por meio dos quais seu eu se manifesta pode se dar em diferentes níveis de atuação, a partir do que Moreno (1994, v.1, p.184-185) define como:

[...] *role taking*, tomada de papéis – que é a tomada de um papel completo, totalmente estabelecido e que não permite ao indivíduo nenhuma variação, nenhum grau de liberdade – *role playing*, jogo de papéis – que permite ao indivíduo alguma liberdade – e *role creating*, criação de papéis – que permite ao indivíduo alto grau de liberdade, por exemplo o ator da espontaneidade.

Os papéis se subdividem em psicossomáticos, sociais e psicodramáticos (MORENO, 2014). É com a ação que é possível exercer o papel psicodramático, dando espaço para que o sujeito se expresse, revele-se, crie e seja protagonista de sua própria vida, como explica Naffah Neto (1997, p. 211-212) que define o papel psicodramático como:

[...] emergência de uma nova síntese entre imaginação e ação, entre espírito e corpo; justamente a retomada do sujeito como existência uma e a dissolução de sua clivagem anterior em papel social e pessoa privada (em que o papel circunscrevia a ação e, a pessoa privada, a imaginação).

Os papéis aparecerem em conjunto, dando origem ao que Moreno teorizou sobre cacho, no qual a espontaneidade daqueles não representados é transferida para aqueles que o serão (MORENO, 1974, 2014). Além disso, para cada papel, há um contrapapel, ou seja, aqueles que os complementam e, desta forma, não é possível pensar esses conceitos fora de uma relação (NAFFAH NETO, 1997). São exemplos: mãe e filho, chefe e subordinado, psicoterapeuta e paciente. E, cada uma dessas relações pode evocar os cachos de papéis, nos quais mais de um papel com seus contrapapéis emergem associados.

Assim, o papel de psicoterapeuta psicodramatista e o de paciente nessa relação se desenvolvem ao longo do processo terapêutico, possivelmente, aparecem em cacho, atrelados a vários outros papéis e contra papéis. Penso que independentemente de quais cachos são evocados em cada relação terapêutica, é importante que todos eles estejam pautados no cuidado, no “amor terapêutico”, conforme postula Penha Nery (2011) sobre o “ofício do amor”, que se traduz em “construção da vida”, a partir do encontro que pode ser promovido pelos métodos sociátricos, a exemplo do psicodrama.

## **2.6 *Role playing* – diretor e egoauxiliar no psicodrama a dois**

Já foi mencionado que o jogo de papéis ou o *role playing* requer algum grau de liberdade por parte do seu ator (MORENO, 1994). Nesta seção, além de apresentar os conceitos, elaboro

algumas questões teórico-práticas sobre a atuação do psicodramatista que utiliza o psicodrama a dois.

A Socionomia propõe-se a estudar os grupos, sua dinâmica, como mensurá-los e tratá-los. Embora a díade terapêutica seja um tipo de grupo (MORENO, 1974, 1983), boa parte do que foi postulado por Moreno envolve mais pessoas. Para além da discussão sobre o quanto uma relação entre duas pessoas consegue reproduzir o que ocorre na vida cotidiana do ser humano inserido nos grupos e comunidades, há dificuldades práticas na atuação do psicodramatista e que possuem implicações para o tratamento.

Os instrumentos com os quais se trabalha no psicodrama são o cenário, o protagonista, o diretor, o ego-auxiliar e o público (MORENO, 1974). É possível observar de modo mais claro cada um deles numa sessão grupal, a partir da atuação dos diversos agentes terapêuticos. Entretanto, numa situação em que apenas duas pessoas estão presentes, os instrumentos não devem desaparecer, mas são vistos no terapeuta e no paciente. Para a finalidade da discussão deste trabalho, vou deter-me em esclarecer as atuações do diretor e do ego-auxiliar.

De um modo geral, enquanto a ação “[...] do diretor é global e prospectiva, a do ego-auxiliar é particular e contemporânea” (AGUIAR, 1990, p.111). Esta afirmação resume a principal diferença entre os dois, qual seja a de se distanciar do drama e a de imergir nele. De modo que, a sessão psicodramática é conduzida por um diretor que produz a cena ou jogo terapêutico, atua como terapeuta principal e também como analista social. O ego-auxiliar, por sua vez, exerce as funções de ator, terapeuta auxiliar e investigador social (MORENO, 1974).

É pertinente entender as diferenças entre esses dois instrumentos na condução de uma sessão, pois eles devem ser desempenhados de forma harmônica um com o outro, com o protagonista, com o público e com os outros egos-auxiliares. Este *role playing* já é demasiadamente difícil para um psicodramatista iniciante e torna-se mais complexo quando o psicoterapeuta assume ambos os papéis no psicodrama a dois, devendo transitar entre eles na dramatização e no compartilhar. Esta reflexão se desdobrá mais adiante na discussão do caso clínico.

## **2.7 Role creating – possibilidades de criação do papel**

Refletir sobre a minha atuação clínica como psicodramatista implica pensar na tomada deste papel, no seu desenvolvimento e, ainda, considerar a possibilidade de criá-lo. Deste modo, é necessário entender como a Socionomia apresenta o ato criador.

A criação tem como uma das suas características a espontaneidade, é ela que catalisa essa substância chamada de criatividade. Outras são: gerar algo inesperado, mudar a realidade na qual surge, ser uma atuação única, peculiar e produzir efeitos miméticos. (MORENO 1994, v.1, 2014). Como já foi mencionado, o *role creating* é uma atuação com alto grau de liberdade de criação do papel (MORENO, 1994, v.1). Diante disto, proponho-me neste trabalho a refletir se a criatividade está presente no papel estudado e ainda, pensar as possibilidades de criação futuras, tendo em vista o contexto em que ele se desenvolve.

Considerando os conceitos apresentados e a minha prática profissional, adotei como objeto desta investigação o desenvolvimento do meu papel de psicoterapeuta psicodramatista, a partir da relação terapêutica que eu e os meus pacientes estabelecemos. Adoto como pressuposto a relevância de relações télicas para o sucesso da psicoterapia, de estabelecer a confiança mútua para proporcionar a espontaneidade e buscar o encontro. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é explorar o meu papel de psicoterapeuta psicodramatista, como ele se desenvolve, o contexto em que se situa e as possibilidades de criação do mesmo, a partir da minha experiência profissional em formação. Assim, realizo o estudo de um caso clínico, com o foco na relação terapêutica e no meu papel profissional. Além disso, exploro alguns elementos que podem contextualizar a minha prática e contribuir para a ação criadora. Eles incluem o contrato terapêutico, o investimento mútuo que fazemos na relação e o nosso grau de espontaneidade nela.

### 3 O OFÍCIO DO AMOREM PESQUISA

O estudo que explicitarei neste escrito apoia-se na epistemologia qualitativa, visto que está alicerçado em uma metodologia que se constitui como “[...] reflexão sobre o fenômeno e o método como produto indissociável dessa reflexão, ou seja, como escolha do pesquisador” (BRITO, 2006, p. 28). Ainda coerente com esta proposta, esclareço que atuei como co-participante da pesquisa sobre a qual discorrerei e os resultados encontrados são uma co-criação com outros atores que apresentarei mais adiante, como: paciente que atendo, supervisora e os outros agentes terapêuticos do grupo de psicoterapia no qual eu sou paciente.

A relação no contexto de psicoterapia e como ela contribui para o desenvolvimento do meu papel de psicodramatista constituem o fenômeno sobre o qual me detive a estudar. A minha atuação como objeto e pesquisador simultaneamente em relação com outro agente co-criador formam a principal característica da metodologia adotada nesta investigação. Por conseguinte, a pesquisa qualitativa torna-se apropriada para compreender as perguntas que elenquei, haja vista o que aponta Brito (2006, p. 28) sobre a produção de sentido nesse tipo de estudo “[...] O conhecimento se desenvolve no contexto de um relacionamento e a pesquisa deve considerar a totalidade do processo de investigação, o relacionamento pesquisador e pesquisado, bem como os procedimentos formais”.

Além disso, o psicodrama constitui uma metodologia de pesquisa qualitativa que favorece o estudo de uma relação terapêutica como agente de formação e desenvolvimento do papel de psicoterapeuta. Brito (2006, p.45) afirma que:

[...] Os instrumentos do psicodrama (palco, diretor, ego-auxiliar, protagonista e plateia), a diferenciação de contextos e as fases de aquecimentos, dramatização e compartilhamento permitem que o pesquisador seja dinâmico em sua interação com a pessoa ou o grupo pesquisado e ofereça múltiplas possibilidades de expressão simultânea.

.....  
[...] As possibilidades de interatuação ampliam-se a ponto de permitir que, atuando como ego-auxiliar, o pesquisador seja o pesquisado, conheça ‘de dentro’ a experiência que está sendo pesquisada sem, todavia, abandonar sua posição diferenciada

Trata-se de um estudo de caso, sobre o qual elaborei perguntas à luz da teoria, descrevendo a situação pesquisada a fim de melhor compreendê-la e nela intervir, conforme orienta Brito (2006). É, ainda, uma investigação clínica, utilizando como dados os registros realizados em prontuário oriundos das sessões de psicodrama a dois. O caso clínico investigado foi conduzido por mim durante o desenvolvimento desta pesquisa.



#### 4 A TELA DE PENÉLOPE – TECENDO O AMOR NO PSICODRAMA A DOIS

Penélope, filha de um príncipe espartano, casou-se com Ulisses, rei de Ítaca. Com a Guerra de Tróia, Ulisses deixou a sua amada e muito tempo se passou. A especulação sobre a sua morte era grande e logo novos pretendentes apareceram a Penélope. Esta usou um trabalho artesanal como desculpa para esperar o seu marido. Empenhou-se a tecer uma tela e só após finalizá-la, casaria novamente. No entanto, ela desfazia e refazia a tela, tornando o trabalho interminável (BULFINCH, 2002). Uso essa metáfora para pensar o processo de desenvolvimento do papel de psicoterapeuta. Vejo-o como uma tela que nunca está pronta, haja vista ser reconstruída em cada mutualidade caracterizada por propósitos terapêuticos.

Pensar a relação terapêutica implica considerar o papel de psicoterapeuta, quais os princípios que o norteiam e como ele é construído. O seu desenvolvimento vai além da qualificação técnica-científica que habilita o profissional para uma atuação clínica. Esta formação é relevante, indispensável e inclui a adoção de conhecimentos teóricos e práticos. Contudo, o aspecto relacional é o fator de sucesso ou insucesso do tratamento. Em cada relação terapêutica há pessoas diferentes, com suas histórias de vida, suas emoções e expectativas mútuas. É o que liga essas partes que pode fazê-las movimentarem-se em sintonia, ou seja, o “entre” não pode ser desconsiderado. Desta forma, a intersubjetividade deve ser destacada na reflexão sobre a atuação clínica.

O papel é construído ao longo do seu exercício, como apontam Carvalho e Matos (2011, p. 796) ao afirmar que “[...] o movimento inerente ao desenvolvimento do psicoterapeuta parece ultrapassar o domínio tecnicista e inscrever-se em uma lógica de desenvolvimento humano e humanizado”. Há peculiaridades da relação psicoterápica que exigem habilidades como apontam Berger, Pena e Soares (2010, p. 379), explicando que o desempenho do papel de psicoterapeuta implica confrontar-se “[...] com o inusitado, com o inesperado ou com o supostamente previsível e para o que deverá reconhecer-se capaz de criar e propor novas possibilidades”.

Tendo em vista a perspectiva socionômica, Knobel (2004, p. 210) ressalta alguns aspectos relevantes para a atuação com a sociometria e que podem ser ampliados para o uso em sociatria:

[...] os profissionais da área devem, durante a sua formação, experimentar os métodos e as práticas sociométricas grupais, de forma a poderem entender vivencialmente o sentido e a importância de seus primeiros suportes técnicos padronizados.

Evidencia-se nessa prescrição, a relevância da construção e do desenvolvimento do papel que vai além da formação técnica, dos conhecimentos aplicados, para incluir o estar em relação que é capaz de transformar e reinventar a prática. Com base no exposto e com o intuito de explorar como a relação terapêutica vem sendo construída, apresento a seguir o caso de uma paciente que atendi na Associação Brasileira de Psicodrama – ABP, a qual chamarei de Perséfone.

#### **4.1 O caso Perséfone: dizer sim a si mesma**

Perséfone era uma jovem deusa grega, filha da deusa Deméter. Enquanto brincava, foi raptada por Hades, deus do submundo. Sua mãe consegue trazer sua filha de volta, mas antes, Hades dá a Perséfone sementes de romã. Ao comê-las, a jovem vincula-se ao deus, tornando-se sua mulher. Em acordo com Deméter, Perséfone passa a alternar ciclicamente durante o ano entre o mundo superior e o submundo. É a jovem filha num momento e no outro, a rainha que guia os vivos no mundo dos mortos (BOLEN, 2015). Este mito me inspirou a refletir sobre o caso clínico que descreverei adiante, de uma jovem que chamei de Perséfone, tendo em vista algumas semelhanças com a deusa a partir da versão do mito descrita por Bolen (2015). São elas a passividade, a insegurança, as alternâncias de residências e mundos ciclicamente e os embaraços para adentrar a vida adulta.

A paciente em questão é a jovem universitária Perséfone, com idade de 18 anos quando chegou à psicoterapia. A sua principal queixa foi ser “muito nervosa, ansiosa”, principalmente quando discutia com o seu namorado, chamado aqui de Hades. Ele lhe disse que ela deveria fazer psicoterapia e ela concordou. O seu relato na primeira sessão foi que eles brigavam muito, sem que ela conseguisse expor os sentimentos, apenas chorava. Descreveu que ele era muito mais maduro do que ela, embora fosse apenas dois anos mais velho, porque ele já estava na universidade há mais tempo e possuía carteira de motorista. Ela havia acabado de ingressar no curso universitário e ainda não sabia dirigir. Após esse primeiro encontro, combinamos iniciar a psicoterapia, mas ela preferiu que o seu pai avaliasse o contrato antes de tomar essa decisão, pois ele financiaria o processo. Concordei e após a consulta ao pai, nós iniciamos.

Ela é a segunda filha de um casal atualmente divorciado, sendo que não possui um bom relacionamento com o irmão mais velho. Seus pais casaram novamente e tiveram outros filhos, com quem Perséfone se relaciona bem. Ao longo da infância e adolescência, Perséfone se ressentia do seu irmão mais velho, alegando que ele sempre foi agressivo com ela, dirigindo-lhe ofensas e humilhações. Acredita que os pais nunca fizeram nada em relação a isso, informando que a mãe sempre o protegeu. Entretanto, diz que eram comuns as reuniões familiares com os

quatro, nas quais ela não se pronunciava e servia apenas como exemplo para como seu irmão deveria agir. Os seus pais, especialmente o pai, elogiavam o comportamento e o desempenho escolar de Perséfone e criticavam o seu irmão.

Desde muito pequena que a sua guarda era compartilhada pelos pais, alternando-se entre as casas semanalmente, o que lhe gerava muito sofrimento. Sentia por não poder estar com os dois ao mesmo tempo. Viveu assim até os 16 anos quando decidiu morar com o pai, criando uma insatisfação na mãe. Apesar dessa decisão, ela relatou que nunca pôde fazer escolhas para si, a única foi a religião. Os seus pais são espíritas e ela decidiu converter-se ao protestantismo no final da adolescência, mesmo com a resistência dos pais. Ao adentrar a nova religião, conheceu Hades na sua igreja e começaram a namorar. Ainda sobre este namoro, expressou que foi ele que decidiu: “nós vamos namorar”. Como se não tivesse sido uma escolha sua consciente.

O relacionamento amoroso com Hades foi o principal tema trazido por Perséfone, chegando ao fim após alguns meses de psicoterapia. Queixava-se do comportamento inconstante de Hades diante do relacionamento: ora queria, ora não queria. Atualmente, o seu caso segue com as demandas de não conseguir fazer escolhas, de esquivar-se de dizer “não”, por medo de perder alguém importante. Com isso, ela afirma: “ao dizer sim aos outros, automaticamente, eu digo não a mim mesma”.

## 4.2 Encontros e desencontros - registros de algumas sessões

Exponho adiante alguns fragmentos extraídos dos registros clínicos do prontuário da paciente, das sessões que considero mais relevantes para o entendimento do caso. Elas também foram selecionadas por conterem mais descrições que me ajudaram a entender como se desenvolve a relação terapêutica e, por conseguinte, como esta contribui para a formação do meu papel. Acrescento, ainda, registros que fiz de uma sessão da minha psicoterapia pessoal e de uma supervisão do caso clínico de Perséfone. Todos os registros foram apresentados em ordem cronológica. Além disso, cada sessão do caso clínico foi identificada por: ano em que ocorreu, ordem numérica do total de sessões realizadas e título que remete ao tema principal abordado. Os cancelamentos e as ausências não foram contabilizados.

As sessões que serão relatadas foram divididas em dois momentos. O primeiro, que chamei de **Desencontros**, é marcado pela transferência na relação terapêutica e inclui quatro sessões. O relato de uma supervisão e de uma sessão da minha psicoterapia, na qual trabalho a relação com Perséfone estão no segundo momento que nomeei de **Busca do Encontro**. Este também inclui

uma sessão com Perséfone. Este segundo momento é caracterizado por uma nova compreensão do meu papel, a tentativa de desenvolver o fator tele e a busca do encontro na relação terapêutica.

#### 4.2.1 Desencontros

A seguir, apresento em ordem cronológica quatro sessões extraídas dos registros do prontuário de atendimento à Perséfone. Elas foram intituladas de *Olhar para si*, *Não é culpa sua*, *Ainda não sei* e *Não posso escolher*, como representação do tema principal de cada sessão.

##### **Ano I, Sessão nº 21 - *Olhar para si***

Esta sessão teve como foco o desenvolvimento da auto percepção da paciente. O desenho livre foi utilizado como técnica expressiva, uma forma de concretização das ideias e dos sentimentos que Perséfone tem de si na relação com o namorado Hades. Percebo que ela começa a se diferenciar do namorado, voltando a atenção para si mesma.

Aquecimento verbal: Eu, terapeuta, pergunto a Perséfone como ela está e como ficou após a nossa última sessão. Ela menciona que um jogo dramático realizado com balões foi o que lhe chamou mais a atenção no nosso último encontro. E afirma: “o quanto de amor eu dou para o Hades e o quanto de amor eu dou para mim”. Na ocasião, eu lhe pedi que enchesse dois balões, um representando o amor que doa para o namorado e o que doa para si mesma. Este último foi bem menor que o primeiro.

Jogo dramático: Peço que ela represente de forma expressiva o conteúdo verbal apresentado no aquecimento. Deixo-lhe à disposição alguns objetos para o seu uso como: massa de modelar, papel, lápis, caneta, hidrocor etc. Ela opta por fazer um desenho com lápis de cor que representa dois momentos da relação. O primeiro momento, intitulado de “antes”, é caracterizado por um desenho no qual ela está ao lado do namorado, mas tem a metade do tamanho dele. O momento chamado de “depois” apresenta um desenho que Perséfone e Hades estão lado a lado e do mesmo tamanho. Peço-lhe que me fale um pouco sobre a imagem, ao que ela me explica “o jogo mudou”. Com isso, faz uma referência às mudanças ocorridas no namoro, no qual ela não se vê mais tão submissa.

Compartilhamento: ela comenta o jogo dramático realizado e afirma “o que mais me chamou a atenção foi o tamanho dos bonequinhos no desenho”. Eu digo a ela que o que percebi na

sessão: “Antes você trazia o Hades como a sua referência, [...] você começou a olhar mais para si”.

Processamento: A minha atuação neste dia concentrou-se na direção, produzindo o jogo dramático e, em seguida, fazendo uma interpretação durante o compartilhar. Como diretora, assumo as funções de produção dramática, terapeuta e de analista social.

Moreno (1974, p.108; 2014, p.308-309, p.314) afirma que ao dirigir a cena, o diretor incorpora os pedidos do paciente à ação dramática. Como terapeuta, ele proporciona valor terapêutico à produção, integrando a espontaneidade dos sujeitos e mobilizando o público para a catarse. Já o analista social agrega o que extrair dos egos e do público às suas próprias interpretações. É sugerido, ainda, que o diretor mantenha uma certa distância emocional da cena, deixando o seu desenvolvimento com o protagonista e os efeitos tele e transferência sobre os egos-auxiliares.

O psicodrama a dois tem como característica o acúmulo de funções sobre a pessoa do terapeuta que ora atua como diretor e ora como ego. Na sessão descrita, eu atuei na produção e direção do jogo dramático, mas encontrei dificuldade em perceber a minha atuação como ego-auxiliar.

### **Ano II, Sessão nº 32- *Não é culpa sua***

Esta sessão se desenrolou em torno de uma dramatização em cena aberta. A partir dos relatos verbais de Perséfone no aquecimento, montamos cenas sucessivas nas quais o sentimento de culpa predominava em diversas relações.

Aquecimento verbal: chega bastante aquecida, relatando que o namoro terminou, mas que “ainda estão ligados”.

Dramatização: Perséfone utiliza almofadas para representar ela e Hades, mas com uma barreira entre eles, que relata ser a mãe dele, e algo que liga o casal de namorados. Este algo ela chama de “a história dos dois” e o “sentimento” que nutrem um pelo outro. Ela toma os papéis dispostos na cena, mas logo em seguida surge o sentimento de culpa.

Perséfone se considera culpada por sofrer menos com o término e afirma se sentir melhor por ter recebido mensagens de um amigo. Uma nova cena é montada entre ela e o amigo. Ela inverte o papel com o amigo que lhe diz “você é tão linda, vá ser feliz com outro”.

A cena se desfaz e outra é montada com a concretização do sentimento de culpa que atormenta Perséfone e está sobre os seus ombros. Faço um espelho, peço um solilóquio e depois uma inversão de papéis. Perséfone, no papel da culpa, diz a si: “você tem que esperar o Hades”. Eu, psicoterapeuta, lhe pergunto: “há quanto tempo você está em Perséfone?” Ao que ela, desempenhando o papel da culpa, me responde: “Acho que estou aqui há uma semana, mas estou mais forte hoje”. Ainda na entrevista, digo à personagem culpa: “acho que já vi você aqui antes [...] Perséfone tinha que ficar com só um dos pais, queria os dois juntos, mas tinha o tio [...]” – referindo-me ao padrasto e a culpa que sentia em querer os pais juntos, já expressada em uma sessão anterior. Perséfone fica em silêncio, mas acena com a cabeça concordando. Ela volta para o seu papel e faz o seguinte solilóquio: “dói os ombros, mas não consigo tirar agora”. Peço que ela ocupe um lugar de observadora fora da cena e, logo depois, segue-se uma inversão de papéis. Perséfone diz a si mesma: “não é culpa sua, ele terminou, é problema dele agora”. Ela volta para o seu papel com a culpa nos ombros e prefere encerrar a cena assim, dizendo que ninguém pode ajudá-la neste momento e que se sente confusa.

Compartilhamento: Ela afirma: “eu me vi forte, ainda dói, estou confusa, racionalmente não acho que seja culpada, mas vai ser com o tempo”. Digo-lhe que, mais uma vez, lembrei-me da sua dificuldade em lidar com o luto, as perdas e como me parecem ter relação com as cenas infantis trazidas para o *setting* terapêutico. Ela concorda e diz que “faz sentido”.

Processamento: Mais uma vez, a minha atuação focou-se na direção, produzindo a cena, buscando o valor psicológico na ação dramática e fazendo análises sociais. Neste sentido, permaneci fazendo interpretações durante o compartilhar. Embora tenha atuado também como ego auxiliar, continuei afastada de uma relação mais télica com a paciente, sem perceber como me senti em seu lugar ao fazer um espelho, por exemplo.

Eu estava à procura de uma hipótese terapêutica e como poderia explicá-la à luz da teoria e, com isso, encontrar material de escrita para a minha pesquisa. Deste modo, não conseguia ser mais espontânea no meu papel. Vale assinalar que os papéis podem aparecer como fonte de conservas culturais, na medida em que se tornam “[...] evidências sintomáticas da cristalização de relações co-inconscientes [...]”, como aponta Naffah Neto (1997, p.196). Cresce com isso, a relevância de reconhecer quais papéis emergem como conservas na relação terapêutica, que podem estar enraizados em aprendizagens emocionais, e que se constituem como bloqueios à ação espontânea e criativa (PENHA NERY, 2011).

## **Ano II, Sessão nº 33 - *Ainda não sei***

A sessão transcorreu com aquecimento verbal e jogo dramático de linha do tempo, utilizando técnicas do psicodrama como: solilóquio, espelho e inversão de papéis. Exploramos quais eram as demandas que Perséfone ainda trazia para a psicoterapia.

Aquecimento verbal: Após Perséfone desmarcar muitas sessões, resolvi discutir o assunto com ela. Conversamos sobre os nossos encontros e desencontros, considerando suas desmarcações, mas ressaltando que nesse período também precisei desmarcar uma sessão e que não conseguimos encontrar um horário viável para reposição. Perséfone me diz que sentiu falta da terapia, mas que estava bem e que até ficou pensando sobre o que trataria hoje na sessão. Ela continua: “ter terminado com o Hades me fez muito bem, hoje vejo muitas coisas que não via antes [...] que estava num relacionamento abusivo, mas não queria enxergar [...] até mesmo aqui na terapia eu não conseguia ver isso, ou não queria ver [...]”.

Eu lhe pergunto sobre o que gostaria de abordar na sessão de hoje. Ela responde que não sabe, mas que a terapia lhe faz muito feliz. Proponho uma dinâmica e ela aceita.

Dramatização: Fazemos uma linha do tempo com almofadas, representando Perséfone durante a terapia. A primeira almofada representa o primeiro encontro que ela teve comigo. Ela toma o seu papel e faz um solilóquio “vim por causa do meu namorado, ele diz que sou nervosa e que não sei o que sinto [...], eu me sinto sufocada”. Em seguida, toma o seu papel na terapia hoje, um ano e meio depois, e faz o solilóquio: “eu me sinto feliz”. O terceiro momento é representado por ela no futuro, um ano e meio à frente, acompanhado do solilóquio: “estou mais madura”, atribuindo maior ênfase à vida profissional. Neste momento, ela não diz nada a respeito da vida amorosa nem da terapia. Faço espelho, peço solilóquio, ao que ela diz: “vejo que estou insegura para me relacionar novamente, ainda tenho medo que o Hades se reaproxime”. Em seguida, com uma inversão de papéis, diz à personagem do futuro: “o passado ficou para trás, você pode seguir em frente” e conclui a cena.

Compartilhamento: Digo-lhe que ainda acho que ela tem dificuldade de se perceber, que me parece continuar olhando para o outro apenas. Perséfone responde que se sente bem, que ainda não sabe o que abordar na terapia, apesar de sentir que lhe faz bem. Diz que percebeu que ainda está insegura para viver novos relacionamentos e que esta pode ser uma demanda para a psicoterapia.

Processamento: À essa altura do processo de psicoterapia, eu já estou muito incomodada com as ausências de Perséfone, mas tenho dificuldades de tratar isso de forma clara. Atuo como diretora e ego na dramatização, mas permaneço distante, fazendo interpretações e evitando dizer como me sinto na relação.

O papel é entendido como uma experiência interpessoal, na qual se fundem vida privada, social e cultural do sujeito, necessitando que dois ou mais indivíduos estejam envolvidos nela (MORENO, 2014). Considerando a ideia de cacho de papéis, apresento-me na sessão descrita não apenas como terapeuta, mas atuo num papel de cobrança e ela, prontamente, responde como devedora, justificando e entregando o que eu lhe cobro: um pedido para a terapia. Moreno (1983, p. 23) afirma que “[...] toda pessoa, da mesma forma que é o foco de numerosas atrações e repulsas, também aparece como o foco de numerosos papéis, relacionado aos papéis de outras pessoas”. E com isso, a importância recai sobre a análise da inte-relação entre esses papéis no contexto terapêutico (MORENO, 2014).

O novo papel que apresento, e que possivelmente vem em cacho com outros, surge numa relação transferencial. Estou incomodada com o comportamento de Perséfone, mas tenho dificuldades para lidar com isso e não consigo estabelecer uma relação télica com ela. Moreno (1983, p. 23) afirma que a transferência ocorre de um papel para outro e o terapeuta pode ser alvo de transferência a partir de outros papéis que ele representa para o paciente, a exemplo de pai, mãe, sábio etc. Em contrapartida, o paciente pode apresentar papéis complementares aos que o terapeuta atua. A sessão relatada me faz pensar que Perséfone já esteve no papel de atender a demandas de outras figuras de cuidado, evitando entrar em contato com as próprias emoções e vontades e agindo como aquela que corresponde às expectativas nas relações.

## **Ano II, Sessão nº 46 - *Não posso escolher***

Esta sessão ocorreu com aquecimento verbal e corporal. A dramatização partiu de uma escultura corporal para, em seguida, desenvolver-se em cena aberta, com a utilização de técnicas do psicodrama como: duplo, espelho, solilóquio, maximização e interpolação de resistências. O tema da culpa aparece associado ao ato de fazer escolhas. Trabalhamos cenas passadas que remetiam à alternância de convivência de Perséfone com o pai e a mãe, pois eram separados e compartilhavam a sua guarda.

Aquecimento: Perséfone chega aquecida, falando que “o coração está acelerado, mas é por uma coisa boa”. Fala que conversou com o amigo Plutão, que “abriu o jogo”, que eles estão “se



conhecendo”, “ficando” e ela “está leve”. Ela também menciona: “até já foi na minha igreja”, “estava apreensiva com a mãe dele, mas parece que ela é bem diferente”, comparando-a com a sogra do relacionamento anterior. Entretanto, refere um desentendimento com o rapaz e que vivenciou a mesma sensação que tinha com o ex-namorado: “medo que aconteça alguma coisa, o Hades ameaçava terminar comigo”. Também fala que outros dois amigos lhe chamaram para sair e que Plutão lhe disse que ela “deveria cortar”. Perséfone comenta sentir-se pressionada por ele e não conseguir dizer não aos convites.

Aquecimento corporal: Procedemos a um aquecimento corporal, seguido de visualização de imagens com os olhos fechados e identificação das emoções que emergem no momento.

Dramatização: peço que Perséfone faça uma escultura corporal. Ela se posiciona em pé, com uma mão no peito e a outra no estômago e faz o seguinte solilóquio: “o coração está acelerado”. Faço duplos: “eu me sinto pressionada, impotente”. Perséfone complementa: “culpada”. Procedo a outro duplo: “esse sentimento de culpa, eu já me senti assim antes, me lembra quando ...”. Perséfone complementa o duplo, dizendo sentir-se culpada em relação aos amigos que lhe chamaram para sair e depois acrescenta “quando eu deixava o meu pai ou a minha mãe”. Com esta frase, faz referência a alternância de moradias decorrente da guarda compartilhada exercida por seus pais desde à infância de Perséfone.

Peço que ela feche os olhos e traga uma imagem associada a essa culpa, usando mais uma vez o corpo para representá-la. Ela então coloca a mão no rosto, expressando uma fisionomia de choro. Segue-se um solilóquio, verbalizando que sente culpa em deixar o pai sozinho, que preferia ficar com ele, pois a mãe já tem um novo companheiro e o pai não tem familiares em Brasília. Este é o solilóquio da criança Perséfone que se sentia obrigada a alternar entre a casa dos pais, haja vista a guarda ser compartilhada e ela não ter a possibilidade de escolher um dos dois.

Faço um espelho da nova escultura, seguida de uma maximização. Depois solicito que ela volte ao seu papel e procedo a uma entrevista. Perséfone exprime “sinto angústia”, fazendo apenas referência ao sofrimento dos pais, sem reconhecer o sentimento da criança na referida situação. Diante disto, inicio uma interpolação de resistências: “coitadinhos deles, ela tinha que fazer alguma coisa, afinal de contas, ela é uma menina de seis anos, parece que a culpa é dela mesmo”. Atuando no papel externo de observadora, Perséfone afirma “ela só uma criança”. Pergunto se ela pode dizer isso à garotinha. Ela concorda, mas muda a fala “o seu pai não está sozinho, a sua mãe sofre porque gosta de você”. Pergunto se ela gostaria de dizer a outra fala. Ela concorda e prossegue reafirmando que ela “é só uma criança”. Ela retoma o papel da criança que

responde: “eu entendi, meus pais já me disseram isso, mas mesmo assim...”. Pergunto-lhe que tipo de ajuda precisa neste momento. Ela responde que seria morar com o pai, mas não consegue concretizar essa cena. Peço que retome o papel de Perséfone adulta, mas esta também prefere apenas observar e encerrar a cena.

Compartilhamento: Ela me explica que durante a infância e a adolescência alternou entre as casas do pai e da mãe. Ao completar treze anos, o seu irmão escolheu morar com o pai, mas sua mãe não permitiu que Perséfone fizesse uma escolha. Com isso, ela morou com a mãe até os dezesseis anos, quando decidiu morar com o pai, mas acha que a mãe se ressentiu. Afirmou que a única escolha que ela fez por ela mesma foi a religião evangélica, que não é compartilhada por sua família.

Eu menciono que acho importante voltarmos ao tema das escolhas e pontuo que percebo a importância que dá ao sofrimento do outro em detrimento do seu próprio.

Processamento: Ao longo do processo psicoterápico, Perséfone ensaia graus distintos de espontaneidade em suas relações. Demonstra estar mais espontânea ao iniciar uma relação amorosa com um rapaz que possui uma visão filosófica e religiosa diferente da sua, o que lhe gerava medo e ansiedade.

Entretanto, relações diferentes evocam variados papéis dos sujeitos e podem suscitar graus distintos de espontaneidade, como elucida Moreno (2014, p.279): “O nível em que o paciente é espontâneo pode diferir consideravelmente de uma função a outra. Pode ser, por exemplo, um nível imaturo para um papel e um nível maduro para outro papel”. Ao longo da sessão, nós duas não estamos totalmente espontâneas. Isto pode ser percebido, por exemplo, quando Perséfone apresenta dificuldades para encerrar a cena de modo mais coerente com os seus desejos e necessidades.

Por outro lado, eu consigo transitar entre a diretora e a ego auxiliar durante a dramatização. Contudo, ainda sinto dificuldades para perceber como me sinto no lugar dela, constatando que não estou totalmente espontânea no papel de ego-auxiliar. Este deve ser o ator, o terapeuta auxiliar e, ainda, o investigador que se atenta à sua experiência enquanto desempenha um outro papel. Com isso, deve estar espontâneo para a ação e evocar o cacho de papéis requeridos na cena, estabelecendo uma relação télica com o protagonista (MORENO, 1974; 2014).

Durante o compartilhar, eu continuo no papel de terapeuta, investigadora, que busca uma hipótese terapêutica e quer esclarecê-la para si e para a paciente. Contudo, não me permito estar em relação com ela, a sentir como ela sente e a reconhecer o quanto aquelas vivências podem ser minhas também. É neste sentido que Aguiar (1990) enfatiza o papel do ego-auxiliar em relação com o protagonista, estando mais à disposição deste do que do diretor. Ou ainda, como expõe Naffah Neto (1997, p.102), trata-se de “[...] um *outro indefinido*, que adquire forma e contornos conforme o próprio desenrolar do drama, num esforço de representar a complementariedade, sempre transformativa das formas de relação que emergem [...]”. Isto posto, percebo o meu embaraço em exercer essa função, o que prejudica a minha relação com Perséfone.

Desenvolver o papel de psicodramatista em situações nas quais a sessão terapêutica se desenvolve a dois - terapeuta e paciente - é um processo bastante complexo. Pois, neste caso, dois instrumentos se fundem em um só: o de diretor e o de ego auxiliar. Isto requer do psicoterapeuta algum distanciamento emocional e, ainda assim, o desenvolvimento de uma relação télica com o paciente, o que parece contraditório. Sendo isto possível, teremos uma perfeita união de dois instrumentos do psicodrama em um só sujeito. Assim, a transposição de um molde de uma sessão de grupo para uma diádica será bastante natural. Caso isto não seja possível, cabe ao psicodramatista a difícil tarefa de criar no papel, na tentativa de incorporar as funções de diretor e o ego-auxiliar.

#### 4.2.2 Busca do encontro

##### ***Supervisão do Caso Perséfone***

Esta supervisão ocorreu durante uma aula na Associação Brasileira de Psicodrama, conduzida pela professora que também orienta este trabalho. Iniciou-se com a apresentação dos temas que cada aluno gostaria de entender melhor. Para isso, foi solicitado pela supervisora que cada um pensasse em um verso de música ou de poesia e relatasse ao restante do grupo. Eu apresentei o seguinte trecho de uma música: “não sei se vou ou se fico”.

Após as apresentações, o grupo foi solicitado a escolher uma para ser desdobrada em cena. Os versos mais votados foram explicados por quem os apresentou e dois deles foram eleitos para uma dramatização. O trecho que eu apresentei foi um dos escolhidos pelo grupo. Expliquei ele se relacionava à monografia, trabalho de conclusão de curso, e o respectivo caso que sobre o qual ela se tratava. Após essa explanação e acordo da turma, dramatizei a situação em conjunto com outros colegas presentes e com a direção da professora, também supervisora.

Os personagens foram os seguintes: eu, como terapeuta e estudante concluinte da formação em psicodrama, a paciente, o trabalho de conclusão de curso e o professor orientador de monografia (que ainda não havia sido escolhido). A cena se inicia com a terapeuta diante da paciente, fazendo solilóquios sobre a sua insatisfação com o caso e desânimo para a escrita. Em seguida, a personagem monografia foi acrescentada entre a terapeuta e a paciente. Com duplos e espelhos realizados em cena, emergiu a percepção da protagonista de que o trabalho de conclusão de curso impedia de enxergar a paciente de forma clara. Logo após, a personagem monografia foi deslocada de posição, deixando que a protagonista e a paciente se vissem. Ainda assim, a cena não parecia satisfatória para a protagonista, o que foi resolvido com a inserção do personagem do orientador de trabalho de conclusão de curso.

Durante o compartilhar, expressei o entendimento de que tentava adequar o curso do processo psicoterápico às hipóteses acadêmicas e isso dificultava o aparecimento de uma tele positiva, favorecendo uma transferência que gerava insatisfação com o caso e desânimo para a escrita. Além disso, percebi que as ausências da paciente geravam um incômodo e que havia a suposição de que a paciente manipulava o processo, inventando desculpas para comparecer na frequência de duas vezes ao mês, ao invés de semanalmente como havíamos combinado. Essa hipótese contribuía para uma relação de transferência, mas não o suficiente para desistir do caso. Com a interação do grupo e as pontuações da supervisora, surgiram os questionamentos: devo refazer o contrato? Trabalho a relação paciente e psicoterapeuta durante as sessões?

A partir dessa experiência de supervisão, decidi por investigar a relação entre paciente e terapeuta. Mais especificamente, como o desenvolvimento do papel de psicoterapeuta psicodramatista com seu contexto e criação interferem nessa relação. Se antes eu me obrigava a encontrar uma hipótese sobre a paciente e suas questões, de modo mais livre, voltei-me para a relação terapêutica, já que este era o meu entrave.

Ao longo da escrita, ficou claro para mim que não estava espontânea na relação e crescia o desejo de encerrar o processo terapêutico, o que foi discutido, inclusive, com a orientadora desta monografia. Ainda assim, mesmo com o material necessário para escrever, não conseguia encerrar o caso.

### **Ano III, Sessão nº 60 - *Sim aos outros e não a mim mesma***

Perséfone trouxe, em aquecimento verbal, situações que lhe evocavam medo e insegurança, apresentando uma cena temida na qual deseja negar um pedido. Cenas abertas se sucedem no espaço dramático, possibilitando a ampliação dos seus papéis ao exercer a possibilidade de dizer “não” e respeitar a própria vontade.

Aquecimento verbal: Perséfone menciona que durante a semana lembrou da última sessão, na qual trouxe o receio de ser aluna de um determinado professor na faculdade. Explicou estar mais tranquila já que outro professor irá conduzir a disciplina. Entretanto, sentiu-se aflita por outro acontecimento que era o de “ter que dar um depoimento na igreja”. Não conseguiu “dizer não” à pessoa que lhe fez o convite, preferiu dar uma desculpa, mas temia ser chamada novamente.

Dramatização: decidimos por dramatizar a cena temida que seria negar a ida à igreja para fazer “o depoimento”. A personagem com quem contracena é uma mulher, membro da igreja que Perséfone frequenta. A referida é irmã do pastor, que dirigiu um curso religioso, do qual Perséfone participou. A personagem lhe “pressiona” para que ela “dê o depoimento”. A cena se desenrola com Perséfone tomando o seu próprio papel na conversa, expressando um solilóquio. Em seguida, eu faço um espelho. Perséfone conclui a cena, dizendo à personagem com quem contracena que não irá fazer o depoimento. Com isso, diz sentir-se aliviada.

Pergunto onde mais ela sente que precisa se impor, dizer não. Então Perséfone monta a cena em que está com o namorado Plutão no quarto dele, mas “estão sem se falar”. Ela toma o seu papel e faz solilóquio. Logo em seguida, faço um espelho. Ela resolve a cena, no seu papel, dizendo a ele que não se sente bem e que prefere ir embora enquanto eles não se entendem. A cena termina com o namorado se aproximando dela.

Compartilhar: comentamos sobre as relações que surgiram na cena, entre “sentir-se mal”, “pressionada”, temer dizer não, evitar magoar o outro e sentir-se culpada caso diga não. Ela conclui que “ao dizer sim aos outros, automaticamente, eu digo não a mim mesma”. Convido-lhe a pensar sobre qual (ou quais) sim, ela deseja dizer a si mesma.

Processamento: Perséfone demonstrou maior facilidade em exercitar novos papéis nas relações conflituosas, agindo de modo mais coerente com as suas necessidades e os seus desejos. A sua frase sobre o “sim aos outros” e “não a si mesma” dita no compartilhar foi o momento

auge para mim. Percebi o quanto ela estava mais consciente de si mesma e que conseguia ser mais espontânea nos papéis psicodramáticos.

Por outro lado, o nosso impasse permanecia, pois eu não conseguia valorizar a relação terapêutica durante a sessão. Isto se expressa na ausência de um compartilhar mais genuíno sem que eu relatasse a minha experiência no papel de ego-auxiliar. Também na minha dificuldade em comunicar com clareza o meu descontentamento com as suas desmarcações, em refazer o contrato ou mesmo encerrar o processo. Concluí que esta última seria a melhor opção, já que não me sentia espontânea. Ainda assim, por mais que tivesse compreendido o quanto isso poderia ser importante, não conseguia fazê-lo.

Percebi que havia outros fatores no meio do caminho que tinham mais a ver com o meu processo de autoconhecimento do que com a paciente, mas que poderiam interferir na nossa relação. Sobre as escolhas sociométricas, Moreno (1974, p.56) afirma que é possível encontrar ambivalências em grupos patológicos, nos quais “[...] projetam-se sobre um mesmo indivíduo, amor e ódio, atração e repulsão”. Ficou claro que havia uma relação transferencial na qual eu me sentia compelida a continuar, apesar do incômodo também estar presente. Com isso, decidi levar o caso Perséfone para a minha psicoterapia. Relatarei a seguir o que ocorreu.

### ***Psicoterapeuta em psicoterapia***

A minha dificuldade em ser espontânea na relação com Perséfone me fez levar o caso à minha psicoterapia. A ideia de encerrar a relação terapêutica me remetia a uma espécie de abandono da paciente, seguido do sentimento de culpa. Eu me percebia como ocupando um papel materno e via a paciente como alguém que não poderia se desenvolver sozinha. Além disso, sentia vergonha em priorizar o pagamento ao invés da relação, pois financeiramente o atendimento não me atraía. Do mesmo modo, o meu desejo de realizar projetos diversos do psicodrama a dois diminuía o meu interesse pelo caso.

A minha psicoterapia pessoal se desenvolve semanalmente num grupo, com a abordagem psicodramática, desde que iniciei a formação em Psicodrama. Vou relatar a seguir o que ocorreu na sessão em que a relação terapêutica com Perséfone foi dramatizada.

Aquecimento: ocorreu verbalmente entre os participantes que totalizavam cinco pessoas, sendo três mulheres e dois homens, além da psicoterapeuta. Esta era a terceira sessão consecutiva

em que eu trazia a minha dificuldade na relação com Perséfone e que ficou mais explícita no decorrer da escrita da monografia. O grupo concordou em dramatizar a questão.

Dramatização: montei a cena com a paciente no centro do palco, localizada entre duas personagens que apresentavam versões diferentes de mim. Para isso, contei com a ajuda de três egos-auxiliares. Uma versão minha representava a terapeuta 1 que deseja encerrar a relação e a outra representava a terapeuta 2, que deseja continuar. Tomo os papéis de cada uma delas sucessivamente. A terapeuta 2 está posicionada ombro a ombro, voltada para a mesma direção em que paciente está. Enquanto que a terapeuta 1 está com o corpo voltado para a paciente, de braços cruzados, demonstrando impaciência e com um pé quase fora do palco.

A diretora pede aos egos-auxiliares que façam espelhos. Depois, tomo novamente os papéis das terapeutas e faço solilóquios em cada um dos papéis. Vejo que a terapeuta 2 sente-se obrigada a estar lá, impõe-se o dever de caminhar ao lado da paciente. Percebo que a terapeuta 1 quer ir embora e pergunto-lhe por que ainda não o fez. Volto ao papel da terapeuta 2 e ela me parece falsa. Saio mais uma vez da cena e a dispenso, pois não vejo mais sentido na sua presença.

Tomo o lugar da terapeuta 1 e vejo que ela tem algo mais a dizer ao meu respeito: o quanto temo deixar algo para trás ao encerrar essa relação, o desejo de estar presente nessa história, de ver um outro desfecho para ela. Também vejo a minha relação com a instituição de ensino e o prazer de atender um caso fora da organização onde sou servidora pública.

Ao compreender melhor como me sinto em relação a esse caso, o ego-auxiliar que atua como a terapeuta 1 também é dispensado, ficando apenas eu e a paciente. A ego-auxiliar que ainda permanece no palco atua como a paciente e eu faço um solilóquio sobre me sentir como diante de um bebê que foi deixado na minha porta e o quanto essa relação me incomoda. Fazemos algumas trocas de papéis e eu percebo que nem eu nem ela estamos inteiras na relação. Com isso, deixo de me sentir endividada em relação a ela.

A diretora me pergunta como quero encerrar a cena e eu opto por dizer a ela como me sinto. Explico-lhe que desejo continuar, mas que me sinto muito incomodada quando ela falta, acho que estou em dívida com a ABP (instituição de ensino onde a atendo), pois ela não me paga mensalmente o valor estabelecido e eu, por conseguinte, não repasso à instituição o que deveria. Finalizo, propondo que repactuemos o contrato.

O compartilhar reforçou a ideia do quanto me incomoda cobrar os atendimentos, mas me fez perceber alguns dos motivos que me impedem de encerrar o caso. Um deles é o desejo de estar com ela nessa caminhada terapêutica, mas que é necessário que eu possa me desfazer das máscaras que me dificultam estar mais espontânea nessa relação. Ainda nesta etapa da sessão, a partir de uma pontuação da terapeuta, refleti sobre o quanto o meu papel na relação com Perséfone evoca contrapapéis conservados. Sobre isto, elucidarei na próxima seção deste trabalho.



## 5 O VALORE O CUSTO DO “AMOR VERDADEIRO”

O ofício do amor, como expõe Penha Nery (2011, p.41), requer uma mútua e recíproca gratuidade de expressão profunda do ser que possibilita o surgimento do encontro. Trata-se de uma relação diádica que permite a co-criação. A autora ainda afirma que o fator tele proporciona a liberação dos sofrimentos na relação e que dele emerge o amor, situando-se na intersubjetividade dos sujeitos.

Penha Nery (2011, p. 40-43) também explica que:

[...] o amor emerge do fator tele, localizando-se ‘entre’ as pessoas ou na intersubjetividade.

.....  
[...] o protagonista se doa; torna-se o veículo de amor, ao receber o amor de quem lhe permite ser o porta-voz. O terapeuta contribui para que ele sirva o grupo, com a gratuidade da expressão do profundo ser. Quando, no grupo, o outro também se permite nessa gratuidade, são possíveis o encontro e a tentativa de superação do bem e do mal.

.....  
[...] ofício do amor que poderíamos traduzir como construção da vida.

Adotei neste trabalho a ideia de que a atuação clínica do psicodrama envolve esse amor terapêutico que implica a aceitação do outro, “[...] a comunicação autêntica, a ampliação da consciência de si, do outro e o refazimento dos mecanismos opressores sociais e relacionais” (PENHA NERY, 2011, p.41). Esta perspectiva teórica é desenvolvida neste trabalho a partir da leitura Moreniana da Socionomia, utilizando conceitos como: escolha sociométrica, tele, transferência e encontro.

Embora reconheça que a gratuidade de expressão é necessária para o aparecimento de uma relação télica e, conseqüentemente, do encontro, percebo que há um valor implícito que se não for espontaneamente tratado, pode constituir-se em conservas culturais que aparecerão como transferência nas relações que se propõem a ser terapêuticas. Diante disto, exponho, a seguir, como entendo o valor desse ofício e dessa relação pautada no amor terapêutico, com as suas implicações concretas e simbólicas.

O custo de exercer a psicologia clínica é alto, considerando que este seja um profissional autônomo. Paga-se pelo espaço onde será ofertado o atendimento, pela formação na abordagem clínica escolhida e pela supervisão dos casos – especialmente no início da carreira. De um modo geral, paga-se pelo tempo que é oferecido pelo profissional, por sua disponibilidade. Mas, tudo isso é antecedido de custos bem concretos, como: aluguel, água, energia, impostos e encargos.

Isto, levando em conta o modelo médico de atendimento, que é o que predomina, de se dispor de um consultório onde os atendimentos serão realizados, via de regra no Psicodrama a dois.

Tendo isso posto, temos que o psicólogo clínico que atua como psicoterapeuta possui um custo elevado que inclui a sua formação, preparação para atuar e manutenção dos serviços oferecidos que caibam neste modelo tradicionalmente ofertado. Por outro lado, tem-se o paciente (ou cliente?!), que paga um valor em busca de receber em troca esse tempo e essa disponibilidade de alguém que vai lhe ouvir, acolher, cuidar e caminhar ao seu lado em uma jornada de autoconhecimento que costuma ser longa.

Assim, não é de se estranhar que as formas tradicionais de oferta de psicoterapia se dêem em clínicas ou consultórios particulares que cobram um valor caro para boa parte da população ou que se custeiam por planos de saúde, repassando pouco para os profissionais. Ainda há o acompanhamento psicológico ofertados em instituições públicas, ONGs e clínicas-escola, que fogem ao padrão dos custos financeiros cobrados por profissionais e planos de saúde, mas que estão institucionalmente mediados nas suas relações com os pacientes por outras exigências burocráticas, formais e conservadas.

### **5.1 Relação institucional – quem me paga?**

O trabalho que realizo na instituição onde sou servidora pública é pago pelo Estado. Não recebo nenhuma remuneração dos pacientes, mas recebo um salário mensal para exercer a função de psicóloga, que inclui atender os outros servidores. Desta forma, as pessoas que atendo atuam no papel de pacientes e também de colegas de trabalho.

Já foi explicado que a formação clínica veio após o início do trabalho como psicoterapeuta. A escolha do psicodrama se deu por discussões e reflexões com colegas de trabalho, incluindo o meu chefe, o qual me supervisionou nos primeiros momentos de atuação. Após iniciar a especialização, fui selecionada para uma bolsa parcial de estudos, programa de desenvolvimento da instituição na qual trabalho. Deste modo, a minha formação está sendo financiada em parte pela instituição com a qual mantenho vínculo empregatício. Uma das contrapartidas a qual me comprometi foi a de depositar uma cópia de um escrito, resultante do curso, na biblioteca da instituição. Este fato interferiu na escolha do caso a ser estudado, pois preferi um que fosse conduzido fora da instituição de trabalho, a fim de redobrar os cuidados com o sigilo dos atendimentos.

O atendimento prestado na ABP é cobrado conforme a renda familiar do paciente, adotando-se um valor social. Deste valor que é pago por ele, 30% fica para a Associação e o restante é destinado ao psicólogo. Assim, como profissional, o meu trabalho é pago pelo paciente, mas com a mediação institucional que me oferece estrutura física e secretária para agendar os atendimentos.

## **5.2 Escolhas sociométricas – o que eu cobro?**

Por um lado, eu cobro o pagamento em pecúnia, por outro, cobro determinadas atitudes de quem eu atendo. Ao iniciar um processo psicoterápico, o profissional e o paciente estabelecem um contrato terapêutico que envolve horários, remarcação, cancelamento, pagamento. Mas, sempre espero que além de cumprir o contrato, o paciente se engaje na psicoterapia e no caminho do autocuidado.

Os atendimentos realizados na instituição pública ficam marcados por essa contraprestação em comportamentos, já que não há um pagamento em dinheiro por cada paciente. Ao pensar no caso escolhido como objeto deste estudo, emergem as cobranças que faço em relação a ele. As constantes ausências e o valor social que é efetuado pela paciente me sinalizam um pagamento a quem do que eu gostaria de receber em função do que invisto no caso.

Em ambos os lugares onde atendo, o investimento financeiro é um fator que pode interferir positivamente ou negativamente na relação terapêutica, haja vista a peculiaridade dos contextos. O pagamento realizado na ABP é um valor social, coerente com a renda do paciente. Os atendimentos realizados na organização pública onde atuo não são custeados pelos pacientes e, sim, indiretamente, pela instituição.

Em suma, a minha primeira conclusão era a de que a contrapartida efetiva que tenho no caso conduzido na ABP é o aprendizado e a escrita resultante. Já na organização onde sou servidora pública, recebo um salário constante e, como trabalho prestado, uma das minhas obrigações é cumprir uma meta de atendimentos anuais. Por conseguinte, o não comparecimento às sessões neste contexto também me incomodam, pois as relaciono a uma falta de compromisso, em função da natureza do pagamento. O contrato é pautado nas presenças e as ausências podem levar ao desligamento do paciente. Entretanto, percebo a dificuldade que possuo em estabelecer um contrato claro, de me expor na relação, sem máscaras, sentindo-me, muitas vezes, tratada com descaso.

Os atendimentos que realizo na instituição onde trabalho são caracterizados por inexistência de custeio do tratamento por parte dos pacientes e possibilidade de fazer psicoterapia no mesmo local onde exercem suas atividades laborais. Estas são as justificativas mais utilizadas por aqueles que buscam o atendimento neste contexto e recusam-se a procurar profissionais particulares ou credenciados ao plano de saúde. Também relatam a escolha do profissional a partir da disponibilidade deste para agendar uma avaliação. Isto porque a avaliação inicial é agendada com as recepcionistas do serviço de saúde que informam as datas e os horários previamente disponibilizados pelos psicólogos que lá atuam. Outro critério apresentado diz respeito a algumas pacientes que me informam uma preferência por serem atendidas por alguém do sexo feminino. Enfim, ainda surgem os pacientes que são encaminhados por profissionais do próprio serviço de saúde da instituição.

De forma semelhante acontece com os pacientes que buscam a ABP. O horário é previamente agendado com uma recepcionista que informa os profissionais disponíveis e os respectivos horários. Há que se considerar que boa parte dos profissionais são alunos em formação e que ainda não são conhecidos nem possuem uma clientela formada. Além disso, como alunos, dispõem de poucos horários vagos na associação para destinar aos atendimentos. Por outro lado, os pacientes da ABP custeiam o seu tratamento, ainda que seja por um valor de tabela, coerente com a sua renda familiar.

As minhas escolhas foram, prioritariamente, variar os tipos de atendimentos, diferindo do que já faço na instituição à qual estou vinculada como trabalhadora. Nesta, atendo mais de vinte pacientes no molde de psicodrama a dois e dirijo um grupo temático, num formato teórico-vivencial, que aborda o estresse e possui quantidade limitada de encontros. Ao longo da formação em psicodrama, desejei atender grupos, família e casal na ABP, mas não consegui viabilizar por falta de procura.

O contrato terapêutico estabelecido inicialmente com Perséfone, segue um modelo padrão indicado pela Associação Brasileira de Psicodrama - ABP, em relação aos pagamentos, horários, ausências e cancelamentos. É previsto que as sessões ocorram semanalmente e que os cancelamentos ou faltas sejam pagas independente de aviso. Embora eu tenha explicado isso a Perséfone no nosso primeiro encontro, permiti de forma expressa que o pagamento fosse realizado a cada sessão e de modo tácito que as ausências não fossem cobradas.

Deste modo, após alguns meses de psicoterapia, a paciente começou a faltar, culminando no fato de que a sua frequência resultasse em duas vezes ao mês, e não quatro como havíamos

combinado. Este dado foi levado a ela, mas sua postura foi justificar-se e indicar que os seus horários já estavam mais organizados e que isso não nos afetaria mais. Entretanto, logo depois, senti que havia novamente uma manipulação do processo com frequência de duas sessões por mês. Essas ausências não eram fixas em semana sim, semana não e só me dava conta do total de sessões no mês quando realizava o pagamento à ABP. Os motivos frequentemente alegados eram: estudar para as provas, dificuldade com o meio de locomoção, etc.

Com isso, eu concluo que cobro de Perséfone a sua presença na psicoterapia e o seu engajamento no processo. Por outro lado, entendo que cobro dela questões transferenciais da minha história de vida como valorização do meu trabalho e da nossa relação. Diante destes aspectos, eu me pergunto: qual é a minha escolha perante este caso? Desenvolvo esse questionamento na seção a seguir.

### **5.3 Tele e encontro – paga-se o que se recebe?**

Entendo que a atuação do psicoterapeuta deve ser permeada por cuidado, disponibilidade e entrega, constituindo uma oferta de “amor verdadeiro”. Diante disto, é questionável se há valor que o pague, ou seja, que financie o que se espera desse profissional que deve estabelecer uma relação peculiar com seus pacientes. Pressupõe-se uma relação télica, em que prepondere a espontaneidade necessária ao encontro entre paciente e psicoterapeuta. Entretanto, as dificuldades no exercício deste papel, as conservas culturais encontradas no caminho e os percalços nos quais se esbarra o paciente podem constituir um entrave na relação. Isto posto, surge uma brecha para que ambas as partes se questionem sobre se pagam mais do que recebem.

Andrade (2007) fala do amor, cuja essência é o ato de cuidar, que deve estar presente para que exista uma relação terapêutica de qualidade, pautado numa mobilização do terapeuta para o outro, resultando em entrega e presença, sem perder a consciência de si. Este amor envolve aceitação, admiração, compreensão, respeito, compaixão e confiança.

O amor como expressão do encontro e ainda como elemento necessário para a relação terapêutica é explicado por Penha Nery (2011). A autora defende que a terapia do encontro requer uma interação pautada na autenticidade, no tele e na confrontação das conservas. Assim, surgem responsabilidades recíprocas para os sujeitos em relação.

As ausências constantes de alguns pacientes sempre foram uma dificuldade no meu exercício do papel de psicoterapeuta. Primeiro, porque percebo que não sou muito assertiva no

contrato que estabeleço com o paciente, o que gera algumas dificuldades no cumprimento posterior do que combinamos. Além disso, quando um paciente costuma faltar sem justificativa ou mesmo por motivos que considero que não sejam relevantes, uma das primeiras hipóteses que me ocorre é que a psicoterapia não é uma prioridade na vida daquela ou daquele paciente no momento. Em seguida, eu sinto que o meu trabalho está sendo desvalorizado e que eu deveria comunicar de forma mais firme a importância daquele horário para mim como profissional. Só depois, lembro que sentir-me desvalorizada, não priorizada, é também uma questão da minha história de vida, que vem sendo trabalhada ao longo do meu processo psicoterápico e que pode constituir uma transferência na relação com o paciente.

Com isso, percebo que a minha dificuldade em revelar à Perséfone, o meu incômodo diante do não cumprimento do contrato, deixa margem ao surgimento da transferência. Fico irritada quando ela cancela, sinto-me diminuída, pressuponho que o seu investimento não é proporcional ao meu e me sinto desestimulada a continuar com o caso. Mesmo assim, não consigo levar para as sessões o meu desconforto e fico ansiosa para que ela cumpra o acordo que fizemos, atendendo às minhas expectativas. Ao perceber isso, constato que há um empecilho para a existência de uma relação télica, tornando-se um obstáculo ao bom desenvolvimento do processo psicoterápico.

Uma relação sem a presença do fator tele não propicia que haja o encontro entre os sujeitos e impede o surgimento do amor terapêutico que é pautado na reciprocidade. Este “amor verdadeiro” apresenta um valor subjacente que pode ser expresso de forma simbólica e/ou concreta. Alguns fatores são fundamentais para o bom desenvolvimento da relação entre paciente e terapeuta, como aponta Moreno (1983, p. 28): “sentimentos um em relação ao outro”, “percepção um do outro”, “eventos motrizes”, “a interação entre eles”, “as relações de papéis”. Os sentimentos que nutro por Perséfone são ambíguos, transitando entre o afeto positivo que me faz permanecer com o caso e o negativo que me impele a desistir. Diante disto, entendi que olhar para o outro é também olhar para mim, cuidar do outro é também cuidar de mim, mas isto significa fazer uma caminhada *paripassu* com o paciente e que ainda que eu esteja lá para ajudá-lo a levantar, eu também posso cair, mostrar-me, sentir como é cair ao seu lado.

Naffah Neto (1997) aponta para uma diferença entre pessoa e sujeito, esclarecendo que a pessoa está passiva em seu papel imaginário, privado, sem a vivência do *sócio*. E que, por outro lado, a emersão do sujeito espontâneo-criador só ocorre a partir da *inter ação*, ou seja, é o agir entre, nas relações que, ao dissolver as máscaras que cristalizam, permitem a transformação das

relações intersubjetivas. Como terapeuta de Perséfone, eu permaneço distante nas sessões, evito mostrar-me sem máscaras, mantendo-me num papel conservado de neutralidade. Além disso, sustento um papel passivo ao evitar trazer à tona o não cumprimento do contrato, repetindo a sua atuação expressa na sua fala “ao dizer sim aos outros, automaticamente, eu digo não a mim mesma”.

A motivação para a escolha do caso a ser estudado aqui não adveio de um interesse genuíno de entendê-lo melhor. Houve, na verdade, uma preocupação com o sigilo dos atendimentos prestados na outra instituição, o que me deixou quase sem escolha. Ao se tornar o caso escolhido para estudo, um novo entrave emergiu na relação terapêutica: a necessidade de escrever. A busca pela pergunta de pesquisa e o desejo de enxergar nas sessões a confirmação das hipóteses terapêuticas não me permitiam estar por inteira naquela relação. Desejei algumas vezes interromper o atendimento por achar que não me compensava financeiramente nem como um novo aprendizado, sentindo-me obrigada a continuar a fim de escrever a monografia.

Como relatado, constatei que havia muitas conservas culturais na relação que eu e a paciente estabelecemos. Eu não estava totalmente disponível para ela, o que impedia que eu lhe ofertasse o “amor verdadeiro”. Não era ela, portanto, que não tinha como me pagar essa entrega, mas eu me sentia em dívida nessa relação, prejudicando uma relação télica, impossibilitando que fosse espontânea e que emergisse o encontro.

Um limite se impôs em atuar no papel de psicoterapeuta de Perséfone, o que levou ao questionamento sobre o que fazer a fim de reestabelecer a espontaneidade nessa relação. Em reflexões com a orientadora desta monografia, conclui que seria melhor encerrar o caso. Mas, semanas se passavam e eu não conseguia proceder ao meu intento. Cheguei a torcer para que ela faltasse a fim de ganhar tempo para elaborar melhor a questão. Talvez por uma ação co-inconsciente, isso de fato chegou a acontecer. Mas, o caso foi levado à minha terapia de grupo. Ao término da sessão, considerei que as dívidas eram mútuas, mas que eu ainda desejava estar em relação terapêutica com Perséfone. Para isso, era necessário reestabelecer o contrato, de modo que a gratuidade de expressão recíproca pudesse emergir e nos levar ao encontro. Até concluir a escrita deste trabalho, não consegui refazer o contrato, pois Perséfone desmarcou novamente as sessões.

Enfim, retorno às perguntas: paga-se o que se recebe? Qual foi a minha escolha no caso Perséfone? Depreendo que me percebia como devedora na nossa relação, mas ela também não estava entregue e que deveríamos repactuar um novo contrato terapêutico, se quiséssemos

construir uma nova relação terapêutica. Esta foi a minha escolha: buscar o encontro, a partir da abertura e da reciprocidade que são necessárias para uma interação mais espontânea.

Discuto no próximo capítulo como os contextos social, grupal e psicodramático influenciam o desenvolvimento do meu papel e como eu e os pacientes nos engajamos na co-criação. Por fim, faço o meu compartilhar sobre como foi vivenciar as transformações como psicoterapeuta psicodramatista e pesquisadora.



## 6 O OFÍCIO DO AMOR – CONTEXTOS E CO-CRIAÇÃO

A reflexão sobre papel não pode ser conduzida sem considerar o contexto em que ele se manifesta e as suas possibilidades de criação. Já foram expostos até aqui como ele tem se formado ao longo do exercício da minha atuação clínica. Ressaltarei neste capítulo como alguns entraves se interpõem às relações terapêuticas e como eu e pacientes nos lançamos à co-criação.

A referência à ideia de contexto no universo do Psicodrama nos remete ao social, ao grupal e ao dramático, com os respectivos papéis que se exercem em cada um deles. O primeiro diz respeito ao espaço que extrapola o grupo terapêutico, englobando a comunidade, a sociedade, a cultura, suas normas e regras. O segundo consiste em tudo o que delimita e caracteriza o grupo terapêutico, ainda que este seja uma díade. Fazem parte deste contexto os papéis e funções do psicoterapeuta e do paciente, os acordos sobre espaço, tempo e manutenção da relação. E, por fim, o contexto dramático é o do “como se”, o da ação em cena que permite a expressão da subjetividade dos agentes terapêuticos (GONÇALVES, 1988; CANEL; PELICIONI, 2007).

O contexto social, no qual me insiro como psicoterapeuta, tem como uma das principais características a mediação institucional. Essa relação triangular entre psicoterapeuta, paciente e instituição, por vezes, pode dificultar a espontaneidade dos sujeitos, na medida em que aparecem como conservas culturais. A fim de compreender de forma mais ampla o meu papel em outras relações de atendimento, listarei as principais observações quanto a esses entraves à espontaneidade, separando-os por instituição.

Desempenho vários papéis sociais na organização onde trabalho, a exemplo de: servidora pública, psicóloga, psicoterapeuta e psicodramatista. A complexidade aumenta quando considero as relações com os pacientes, pois também atuamos como colegas de trabalho, ainda que não na mesma atividade ou na mesma seção. Deste fato, decorre a primeira dificuldade que é a de separar os contextos social e grupal. Seja no encontro pelos corredores, pelas temáticas que são trazidas para o setting terapêutico ou pelo contrato que formamos, deparo-me com a complexidade de favorecer um espaço único de liberdade de expressão e confiança mútua, sem desconsiderar as interferências que a instituição pode exercer como mediadora da minha relação com os pacientes no contexto grupal e até mesmo dramático. Outro desafio é o de propor ações terapêuticas grupais, considerando que os pacientes também são colegas de trabalho.

Mais um fator do contexto social que pode prejudicar a espontaneidade das relações na referida organização é o critério sociométrico que utilizo, juntamente com o restante da equipe de

psicólogos, para a escolha dos pacientes. A assistência psicológica aos servidores faz parte de um programa de saúde mental que é desenvolvido institucionalmente e dele decorre o fato de priorizar o atendimento àqueles com maior comprometimento em saúde mental. Isto é mensurado, geralmente, pela quantidade de dias de afastamento ao trabalho. Por outro lado, os servidores que buscam o atendimento, costumam mencionar, como critério de escolha, a gratuidade do serviço e comodidade de atendimento no mesmo local de trabalho. O paciente não escolhe a mim como sujeito de uma relação, mas a um serviço gratuito e bem localizado.

A atuação clínica na ABP também esbarra na relação conflituosa entre o contexto social e o grupal dos atendimentos. No exercício de um papel social de estudante da Associação, eu me deparo com a limitação de horários para atendimento e a existência de um contrato terapêutico pré-estabelecido, com pouca margem de mudança. Este, eu burlei durante todo o atendimento a Perséfone, em busca de conciliar expectativas do nosso contexto grupal. Ainda em referência à interação entre os contextos social e grupal, os critérios sociométricos para a escolha do terapeuta e do paciente também podem constituir obstáculos. O valor social que é pago pelo paciente contribui para que este seja um critério, mas pouco lhe possibilita a escolha de um sujeito para com ele relacionar-se. De outro lado, o baixo valor do pagamento a mim efetuado num atendimento na ABP, em função do salário que recebo em outra instituição, constitui-se num entrave para a manutenção do meu desejo em continuar a relação terapêutica. Ainda, as exigências do curso como: horas de estágio supervisionado e a exigência da escrita de um caso clínico também se apresentaram como limitadores da ação espontânea e da escolha recíproca entre paciente e terapeuta.

As características contextuais descritas apontam para vários obstáculos ao binômio da espontaneidade-criadora. Eles se apresentam diante de uma prática que é desenvolvida institucionalmente e todas as implicações que isso traz como aspectos burocráticos, papéis e contrapapéis aparentemente incompatíveis, além de critérios sociométricos que não favorecem uma livre escolha. Entretanto, Brito (1999) aponta para a herança que recebemos de Moreno ser justamente esse desafio de dispor da diversidade de contextos e recursos, mantendo os princípios da proposta sicionômica.

A experiência sociométrica de Moreno com detentas em Hudson foi o início para outros tipos de trabalho que focavam na “[...] valorização dos relacionamentos centrados na confiança e na continência mútua[...]”, que permitiram que as jovens ampliassem “[...] sua capacidade de lidar com as demais e consigo mesmas, reconhecendo os limites, as características e o alcance das

situações relacionais em que estavam envolvidas [...]”, é o que explica Knobel (2004, p. 208). Esta observação da autora ressalta a importância de compreender os limites, as características e o alcance de cada relação.

Há uma suposta contradição entre ação livre, espontânea, criadora e a atuação dentro de moldes institucionais que desvelam condutas conservadas. Entretanto, Moreno demonstrou como a Sociometria e a Sociatria foram capazes de promover uma criação coletiva, por meio da coexistência, da elaboração de projetos intersubjetivos, da ampliação de consciências individuais, atualizando a espontaneidade grupal (NAFFAH NETO, 1997).

A partir disto, proponho-me a refletir sobre o potencial de espontaneidade-criação presente na minha prática profissional, diante dos diversos contextos que se apresentam. Busco compreender o quanto de liberdade criadora consigo aplicar no papel em desenvolvimento e quais os fatores que contribuem para o *role-creating*. Esta é uma das reflexões mais difíceis até aqui. Comecei este trabalho tentando compreender o quanto tenho conseguido me apropriar do papel. Ao longo da jornada fui percebendo erros e acertos, mudando os rumos, no sentido de alcançar um bom desempenho como psicodramatista. Ao final, me questiono se consegui cumprir as outras etapas e se estou pronta para me lançar em uma nova que é a de criação do papel. Bem, uma das principais descobertas que fiz foi a relevância do inter, do entre, da relação. Sendo assim, aloco a minha dúvida de pesquisa para o “co”, o criar em conjunto, compartilhado. O quanto eu, como terapeuta, e os pacientes que trilham essa jornada comigo nos dispomos à co-criação?

O ato criador apresenta uma natureza de incompletude e de continuidade da ação, como esclarece Naffah Neto (1997, p.87):

[...] Poderíamos defini-lo como o momento e que a ação – lançada numa dupla vertente, em que a concretude do real percebido, feita de lacunas e hiatos, expande-se no imaginário em busca das revelações capazes de clarificá-la – instaura um novo passo nesse movimento de explicitação, superação e transformação da existência [...].

Esta definição aponta para a categoria do momento, o aqui e agora Moreniano. Com isso, não posso dizer que eu e os pacientes atuamos de forma espontânea e criadora como algo perene no tempo e no espaço. Mas, posso identificar quais papéis emergem como conservados ou espontâneos. Posso, ainda, compreender quais condições favorecem o surgimento da co-criação, a exemplo da presença do fator tele.

Considerando o contexto grupal, saber quando ser ego e quando ser diretora, entender que estes papéis são importantes na dramatização e no compartilhar, transitar entre os assinalamentos, as interpretações e o falar de si no papel do outro, todos são desafios rumo à co-criação. Isto se ancora no que defende Brito (1999) sobre considerar a sociodinâmica da relação e não imobilizar-se na posição de especialista, mas colocar-se disponível nesse trânsito de papéis e funções, tendo as técnicas a serviço da criatividade. Concluo que o mais complicado para mim foi a posição de ego, nos contextos dramático e grupal, já que exige uma abertura maior para o outro ao vivenciar o seu papel, e despojamento das defesas, proteções e segurança que há no distanciamento exercido no compartilhar. Estar com o outro é um dos maiores desafios para mim, o dissolver as máscaras, mostrando ao paciente que também sou humana e sinto como ela ou ele.

Ao entender que não estava me permitindo esse contato mais próximo com os pacientes e o quanto isso poderia ser prejudicial para a nossa relação, experimentei algumas pequenas mudanças transformadoras nos atendimentos. Afinal, “[...] o ator-criador, como revelação e transformação da existência, pressupõe uma abertura a dimensões desconhecidas do ser (...)” (NAFFAH NETO, 1997, p.93). Essas modificações se fizeram, principalmente, no compartilhar que é o espaço que mais propicia a co-criação. Bustos (1979) elucida os principais tipos de interação verbal na terceira etapa da sessão, mas ressalta que quando o psicodramatista compartilha suas experiências, a interação se torna menos hierarquizada, ainda que isso implique alguns riscos para a relação. A minha experiência ao longo desta investigação me trouxe a compreensão de que é no retorno a esse contexto grupal que paciente e terapeuta podem se encontrar.

Exercer o papel com maior grau de liberdade e criar novas formas de estar com as pessoas exige um trabalho com outros papéis que desempenho fora do *setting* terapêutico. Andrade (2007, p.52) defende que o terapeuta deva estar “[...] num estado amoroso em primeiro lugar consigo mesmo, que permita a sua integração, autosustentação emocional e diferenciação do cliente. Só assim terá capacidade para o acolher, o aceitar e para o amar”. Daí reside a importância do tripé conhecimento, supervisão e psicoterapia, pois possibilita a compreensão dos fenômenos à luz da teoria, facilita a apropriação das técnicas e conduz a um mergulho em si mesmo na relação com os outros. Postura semelhante assume Bustos (2005) ao destacar o valor do autoconhecimento por parte do terapeuta, o que o ajuda a compreender o paciente, separando-o de si, e, ainda assim, materializar a relação.

Com isso, encontram-se os contextos dramático, grupal e social, na medida em que vivencio a experiência do paciente no espaço do “como se”, permito uma abertura a ele nos nossos papéis grupais e sigo para o *socio* a partir de um modo de existência mais recíproco. Desta forma, retorno à pergunta sobre o quanto eu e os sujeitos que trilham comigo essa jornada terapêutica nos dispomos à co-criação. Concluo que, ao me dispor para um estado amoroso comigo e a uma abertura ao outro, pudemos experimentar como é vivenciar o eu- tu, como propõe Buber (2001) e assim, temos co-construído vivências transformadoras.

### 6.1 Quando Psiquê e Eros se encontram – meu compartilhar

O casal mítico Psiquê e Eros evoca o encontro da alma e da força vital do amor. Psiquê só poderia estar com Eros na escuridão, sem enxergá-lo. Curiosa, ela decide vê-lo sob a luz, o que resulta em feri-lo, machucar-se com a sua flecha e ele ir embora. Ao olhar-se e machucar-se, deram origem à ferida do amor. Psiquê espera por Eros, que é um comunicador entre um tu e um eu. E assim, ela sofre, conhece-se e cria-se a si própria. Após uma longa jornada, Psiquê reencontra Eros e desfruta de um lugar junto aos imortais (LÓPEZ-PEDRAZA, 2010, BOLEN, 2015). Este mito me remeteu à ideia do encontro e dos percalços no caminho para chegar até ele. Compartilho nesta seção como foi a trajetória de pesquisa e o caminhar no desenvolvimento do papel rumo à co-criação.

Ao longo deste trabalho pude refletir sobre a minha atuação profissional de maneira implicada. Isto significa não apenas compreender o que vinha fazendo, mas ponderar novas práticas, testá-las, modificá-las, transformar relações e, com isso, a mim mesma em todas elas. Entendo que isso só foi possível porque estive aberta a rever posturas, conceitos e pré-conceitos sobre o meu estar no mundo. Entretanto, reconheço que não fiz nada sozinha, mas foi uma co-criação que envolveu pacientes, docentes – com a teoria, a supervisão e a orientação desta escrita –, terapeuta, co-terapeutas, colegas em intervisões, enfim, pessoas que se dispuseram a compartilhar comigo essa trajetória.

Entendi que me tornei psicoterapeuta, enquanto aqueles que se dispuseram a estar comigo tornaram-se sujeitos nesse processo e, desta forma, construímos juntos os nossos papéis. Compreendi teoricamente e na prática que os papéis emergem nas relações e que a atuação psicoterápica se fundamenta numa relação muito particular. Se, de um lado, há uma hierarquia *a priori* entre psicoterapeuta e paciente, dada por conservas culturais, por outro, só há transformação se elas forem superadas a fim de dar lugar à espontaneidade e à co-criação.

Entretanto, uma das maiores descobertas foi a de que uma relação profissional também pode ser pautada no amor. Mas não esse sentimento que, muitas vezes é empregado para fazer referência ao amor a uma determinada prática profissional, no sentido de “amo o que faço”, que nos coloca como sujeito de uma prática e, como objeto, aqueles aos quais nossa atuação interessa. Falo do amor terapêutico, do ofício do amor como a disponibilidade de estar com o outro como sujeitos, despojando-se de defesas, medos e preconceitos, mostrando-se e permitindo-se enxergar. Enfim, dessa abertura para a relação que propicia o encontro.

As referências míticas apresentadas neste trabalho dialogam com o percurso que tenho trilhado de desenvolvimento do meu papel social de psicoterapeuta e também de pesquisadora. Eles atuam, a princípio, como papéis imaginários, quando a minha atuação clínica ainda era apenas uma vivência privada e deslocada da realidade, conforme defende Naffah Neto (1997). A começar por Gaia, como uma deusa mãe, criadora de tudo, tinha à minha frente um grande terreno fértil, sobre o qual precisava criar, mas ainda estava sozinha, com o olhar de especialista que reserva uma superioridade em relação ao seu objeto de estudo. A ação que empenho durante o percurso, em conjunto com pacientes, supervisores, orientadora e agentes terapêuticos propiciaram o despontar de papéis psicodramáticos.

Sigo para Afrodite, como uma deusa mãe, que se une a Hefesto na criação amorosa de coisas belas. Como neste mito, não estou mais sozinha, vou em busca da teoria sicionômica e da prática supervisionada que me ajudam na construção dos papéis. Ainda assim, não é o bastante. Como no mito de Perséfone, descubro que preciso descer às profundezas da minha psique para alcançar um estado mais amoroso comigo mesma e com o outro. Esta é uma caminhada que eu e a paciente, mencionada neste estudo, fizemos juntas. Pois, para estar ao seu lado no processo terapêutico, também precisei recorrer à minha psicoterapia pessoal. Já a personagem Penélope traz à tona a heroína, aquela que espera pelo outro, que o busca a partir do cuidado e da paciência de refazer o seu trabalho quantas vezes for preciso. Muitas vezes estive como Penélope em busca de Perséfone e refazendo as perguntas de pesquisa. Mas é só em Psiquê que chego perto do encontro, quando me permito expressar a minha humanidade. É a partir desse papel psicodramático de entrega que posso alcançar o amor recíproco. Assim, em co-criação, propicio o desenvolvimento de um papel social de psicoterapeuta e de pesquisadora mais humano e implicado.

Concluo que esta investigação foi um vetor de transformações para mim - como psicoterapeuta, psicodramatista e pesquisadora - e para aqueles com os quais compartilho essa

criação. Mas, espero que ele seja útil para a elaboração de novas pesquisas e discussões que se proponham a refletir sobre o estar em relação e, mais especificamente, no contexto do Psicodrama a dois.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Moysés. **O teatro terapêutico: escritos psicodramáticos**. Campinas: Papirus, 1990.
- BERGER, Juliana de Aguiar; PENA, Dolores; SOARES, Caroline Fernandes. O playback theatre na construção do papel de psicoterapeuta. **Anais SIMPAC**, v. 2, n. 1, 2015.
- ANDRADE, Fabiana Fontenelle de. **O amor em psicoterapia: Estudo fenomenológico-existencial do modo ser amoroso por parte dos terapeutas**. 2007. Tese de Doutorado. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- BOLEN, Jean Shinoda. **As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres**. 13ª ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- BRITO, Valéria. Psicodrama a dois: reflexões sobre a teoria e a prática do psicodrama com paciente individual. **Leituras 31**. Campinas: Companhia do Teatro Espontâneo, 1999.
- \_\_\_\_\_. Um convite à pesquisa: epistemologia qualitativa e psicodrama. In: MONTEIRO, André Maurício; MERENGUÉ, Devanir; BRITO, Valéria. **Pesquisa qualitativa e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2006. p. 13-56.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10ª ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis**. 26a ed. — Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2002.
- BUSTOS, Dalmiro Manuel. **Psicoterapia psicodramática: ação + palavra**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1979.
- \_\_\_\_\_. **O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática**. 3ª. ed. rev. e ampl.. São Paulo: Ágora, 2005.
- CANEL, Regina Célia; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Psicodrama pedagógico: uma técnica participativa para estratégias de promoção de saúde. **Mundo Saúde**, v. 31, n. 3, p. 426-33, 2007.
- CARVALHO, Helena Moura de; MATOS, Paula Mena. Ser e tornar-se Psicoterapeuta parte II: diálogo entre mudanças pessoais e profissionais. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 4, p. 778-799, 2011.
- GONÇALVES, Camila Salles; WOLFF, José Roberto; DE ALMEIDA, Wilson Castello. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de JL Moreno**. Editora Ágora, 1988.
- KNOBEL, ANNA MARIA. **Moreno em ato: a construção do psicodrama a partir das práticas**. São Paulo: Ágora, 2004.
- LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Sobre Eros e Psiquê: um conto de Apuleio**. Petrópolis: Vozes, 2010.



MORENO, Jacob Levy. **Fundamentos do psicodrama**. 2ª ed. São Paulo: Editora Summus, 1983.

\_\_\_\_\_. **Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama**. 13ª reimp. Goiânia: Dimensão, 1994.

\_\_\_\_\_. **Psicodrama**. 13ª reimp. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. 1ª ed. São Paulo: Editora Mestre Dou, 1974.

NAFFAH NETO, Alfredo. **Psicodrama: descolonizando o imaginário**. Plexus Editora, 1997.

NERY, Maria da Penha. Psicodrama e amor. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 19, n. 1, p. 35-48, 2011.